

SUÉLY BRITO ANDRADE

**AS CRISES CÍCLICAS (SECAS E FOMES) EM SANTO ANTÃO,
NA 1ª METADE DO SÉCULO XX**

LICENCIATURA EM ENSINO DE HISTÓRIA

SETEMBRO DE 2005

AUTORA
SUÉLY BRITO ANDRADE

AS CRISES CÍCLICAS (SECAS E FOMES) EM SANTO ANTÃO NA 1ª
METADE DO SÉCULOXX

TRABALHO CIENTÍFICO APRESENTADO NO ISE PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE LICENCIADO EM ENSINO DE HISTÓRIA, SOB A ORIENTAÇÃO DO
Dr. HUMBERTO LIMA.

PAISAGEM

“Malditos, estes anos de seca

Mete dó, o silêncio triste da terra abandonada sob o peso do sol penetrante.

Há quanto tempo não rodam as pedras dos moinhos!

Há quanto tempo não se houve o som monótono e madrugador dos pilões cochindo...

Que é desse roído anunciador das refeições do povo?

De dentro das casas nem fio tenuíssimo de fumo subindo.

Pobres enxadas que não servem mais, esquecidas nos cantos dos quintais, cobertos de poeiras e estrume...”

JORGE BARBOSA

TRABALHO CIENTÍFICO ELABORADO POR SUÉLY BRITO ANDRADE
ALFAMA, APROVADO PELOS MEMBROS DO JÚRI E HOMOLOGADO PELO
CONSELHO CIENTÍFICO, COMO REQUISITO Á OBTENÇÃO DO GRAU DE
LICENCIADO EM ENSINO DE HISTÓRIA.

O JÚRI

PRAIA, _____ DE _____ DE 2005

AGRADECIMENTOS

Um trabalho deste género sempre acarreta consigo, conjunto de dívidas e gratidão.

Por isso, queria expressar um apreço muito especial ao meu orientador, o Dr. Humberto Lima, pela sua disposição e atenção dispensada e queria também agradecer a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade.

A todos um muito obrigado!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido, Óscar Alfama e a minha mãe Estefânia Brito, que sempre me apoiaram e me deram forças para chegar até aqui.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	6
I – Enquadramento Geo-Histórico da ilha de Santo Antão.....	9
II – Azáguas (uma análise em tempo de crise)	13
2.1 – A Sementeira, tipos de produção e a desilusão de uma má colheita.....	14
2.2 – Crenças ligadas a agricultura (presságios, promessas, sacrifícios)	18
III – Causas das crises	21
IV – Breve historial das crises em Cabo Verde.....	24
4.1 - Resenha histórica das crises cíclicas (secas e fomes) em Santo Antão.....	29
V – O impacto das crises a nível:	
5.1 – Social.....	33
5.2 – Demográfico.....	39
5.3 – Económico.....	44
VI – Análise dos efeitos da seca e da fome numa sociedade.....	48

CONCLUSÃO.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	56
ANEXOS.....	58

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresento constitui a última fase de uma longa caminhada que tive de percorrer, durante os cinco anos de licenciatura em Ensino de História, ministrada no Instituto Superior de Educação, e destina-se a obtenção do grau de Licenciado. O assunto aqui tratado insere-se no quadro da História de Cabo Verde, e tem como tema **“As Crises Cíclicas em Santo Antão (Secas e Fomes), na 1ª metade do século XX”**.

O trabalho visa abordar um dos aspectos que mais afectou o povo das ilhas, e que desde cedo marcou e alterou, irrazoavelmente, a forma de viver do Cabo-verdiano. Por ser Santo Antão uma ilha tradicionalmente agrícola, sempre sofreu duramente com as crises, decorrentes da seca e das fomes.

Sendo filha dessa ilha, e o facto de desde cedo ter vindo a ouvir relatos desses acontecimentos, senti-me interessada e motivada para debruçar-me, pesquisar, investigar sobre o assunto, com o intuito de proporcionar aos leitores deste trabalho algumas informações, que possam ser importantes, senão relevantes para o conhecimento e compreensão do nosso passado, e porque não o nosso presente.

O período sobre o qual recai a minha investigação diz respeito, apenas à primeira metade do século XX (1900-1950), dando, porém, maior ênfase à crise da década de 40, uma vez que esta é considerada a cujos acontecimentos foram mais trágicos e dolorosos, na vida dos Cabo-verdianos, em geral e dos Santantonenses, em particular. Trata-se, ainda, do período em que há maior quantidade de documentação disponível.

Para a elaboração deste trabalho, recorri a pesquisas bibliográficas e na Internet, bem como a entrevistas feitas a várias pessoas de diversas localidades da ilha de Santo Antão, que vivenciaram uma das crises mais falada da nossa História, a de 1947. Recolhidas as informações, procedi à análise e estudo das mesmas, tendo depois avançada para a redacção da minha dissertação.

Ao longo das pesquisas, o trabalho sofreu algumas transformações, devido a limitação de documentos. Assim, de acordo com o projecto vamos encontrar alguns pontos do trabalho que foram eliminados e outros que achamos conveniente acrescentar.

O trabalho estrutura-se em seis capítulos, tendo, ainda uma introdução e uma conclusão, para além da referência bibliográfica e anexos.

O Capítulo I faz o enquadramento geo-histórico da ilha de Santo Antão, dando-nos uma rápida e precisa visão do quadro geográfico e histórico da ilha, pondo a tónica, nos seguintes aspectos: clima, relevo, descoberta, povoamento e doações. No Capítulo II, fizemos uma breve resenha da vida do homem no campo, referindo à época **d’Azáguas**, na qual é colocada todas as suas esperanças e a sua fé, e também da sua desilusão e desespero quando está perante um mau ano agrícola.

No Capítulo III, enunciamos as causas das crises motivadas pelas secas e fomes, para no capítulo IV fazer um breve historial das secas e fomes em Cabo Verde, começando por mostrar a sua dependência no início do seu povoamento, em relação ao comércio de escravos, passando pela chamada a reconversão económica sentida no arquipélago, após a perda da sua posição estratégica no comércio transatlântico de escravos, a partir do qual, vão ser procuradas novas fontes de rendimento, como sendo a

exploração de recursos naturais. A terra passa a ser o principal sustento do cabo-verdiano, e, conseqüentemente, as crises motivadas pelas secas e fomes começam a fazer parte da sua vida. No sub-capítulo 4.1, fizemos uma resenha histórica das crises cíclicas propriamente na ilha de Santo Antão que é o nosso objecto de estudo.

No Capítulo V, fizemos uma análise do impacto dessas crises na vida social, demográfico e económico da ilha. É de realçar, que neste ponto do trabalho, foram fundamentais as pesquisas feitas nos anuários estatísticos, bem como as valiosas memórias das nossas fontes orais que nos possibilitaram várias informações, que se mostraram muito importantes. No Capítulo VI, trabalhei o efeito que a seca e conseqüentemente a fome pode ter na vida das pessoas, numa sociedade.

Na conclusão, traçamos algumas linhas que retrata os aspectos mais importantes e pertinentes do trabalho.

I – ENQUADRAMENTO GEO-HISTÓRICO DA ILHA DE SANTO ANTÃO

A ilha de Santo Antão situa-se, ao norte do Arquipélago de Cabo Verde. Com uma extensão de 779 km² de superfície, é a segunda maior ilha do arquipélago, e a mais montanhosa, apresentando a sua maior altitude na região ocidental do topo de coroa, com 1979 metros. A ilha é toda ela atravessada por grandes ribeiras que vão até a costa. Essas ribeiras são impressionantes, com paredes de várias centenas de metros de altura, o que se traduz num dos elementos mais singular, e espectacular da ilha.

O clima é caracterizado pela sua aridez, devido a influência do Sahel, e consequentemente, as potencialidades da ilha são escassas, embora haja alguma quantidade de água razoável em alguns vales do norte e nordeste da ilha, o que faz com que Santo Antão seja a ilha em Cabo Verde com maiores recursos hídricos. O relevo é muito acidentado, fazendo com que as extensões de terra arável sejam limitadas. As encostas da ilha são bastante recortadas, com poucas praias, e essas de difícil acesso, o que dificulta a actividade piscatória, em determinadas zonas em certas épocas do ano.

Segundo a tese oficial, as ilhas de Cabo Verde foram achadas, entre 1460 e 1462. Relativamente a Santo Antão, *“segundo a tradição oral, a ilha foi encontrada no dia 17 de Janeiro, de 1462, data em que se celebra o aniversário do seu achamento, dia*

de *SANTO ANTÃO, seu Santo onomástico*”.¹ Esta data é ainda hoje celebrada em Santo Antão, como sendo dia do Município da Ribeira Grande.

O povoamento de Cabo Verde, como reza a história, foi inicialmente feito com Europeus e Negros, vindos da costa ocidental africana, e como diz o Dr. José Maria Semedo “*um complexo cruzamento de europeus e africanos originou o actual homem Cabo-verdiano que, num ambiente marcado pela insularidade e pela seca, criou uma nação, uma identidade cultural que se distingue das culturas portuguesa e oeste africana que estão na sua base*”².

Santo Antão não se furtou a isso. “*O povoamento da ilha foi iniciado em 1462 por algarvios, alentejanos e minhotos enviados pelo Infante D. Fernando e, porque a sua única actividade era a agricultura, os colonos viram-se obrigados a importar a mão-de-obra negra, constituída na sua maioria por escravos já ladinizados ou mesmo libertos. Depois, devido a benignidade do clima em relação as ilhas irmãs, chegaram a ela os espanhóis, os franceses, os italianos e os norte-americanos, seguidos pelos judeus*”³. Porém a ilha só veio a ser povoada quase um século depois da sua descoberta, e a explicação dada pelos historiadores a esse facto, foi o difícil acesso a ilha, devido a sua encosta muito alta e por não possuir nenhum abrigo nem baía natural. Porém, já se vinha fazendo a criação de gado, mesmo antes do seu povoamento.

A ilha ao longo da sua história foi doada várias vezes a diferentes pessoas, e como assina-la Maria Haydée Ferreira Ferro “*o regime de doações vigorou de 13 de Janeiro de 1538 a 7 de Agosto de 1759*”⁴. Segundo Lopes Lima citado por Maria Haydée Ferreira Ferro, “*o primeiro documento que se encontra acerca do aproveitamento desta ilha é a carta de doação de 13 de Janeiro de 1538, pela qual D. João 3º a deu de jure e herdade a João de Sousa, e por este ter logo morrido a seu irmão Gonçalo de Sousa*”⁵.

¹ FERRO, Maria Haydée F. – *Subsídios para a história de Santo Antão de Cabo Verde (1460 – 1900)*, Edição Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, Praia, 1997, p. 11

² VEIGA, Manuel (coordenação de) - *CABO VERDE – Insularidade e Literatura*, edição karthala, 1998, p. 34

³ ROCHA, Agostinho – *Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462-1983)*, Ed. Autor, 1990, p. 14

⁴ FERRO, Maria Haydée F., Ob. Cit., p. 13

⁵ Idem, Ob. Cit., p. 13

Ainda segundo Maria Haydée Ferreira Ferro Senna Barcelos refere a data de 13 de Janeiro de 1548 como sendo a data da doação da ilha a Gonçalo de Sousa que já tinha sido doada anteriormente a seu pai Pedro D’Affonseca. Como poderemos ver, há discordância entre os historiadores no que toca a quem foi o primeiro beneficiário da ilha e também relativamente a data exata⁶.

Em 17 de Outubro de 1593 a ilha é doada por D. Filipe ao Conde da Horta D. Francisco de Mascarenhas com o título de Conde de Santa Cruz uma vez que foi ele o fundador da referida povoação, hoje denominada de vila da Ribeira Grande⁷.

Por carta de 17 de Janeiro de 1742, D. João de Mascarenhas (5º conde de Santa Cruz por carta de doação de D. Pedro 2º) que se encontrava refugiado em Inglaterra para onde havia fugido, vendo-se com falta de dinheiro, vendeu a ilha aos ingleses⁸.

Porém, os moradores da ilha, vendo navios ingleses a ela chegando para dela tomarem posse, fizeram uma exposição a Coroa denunciando o facto, e esta, imediatamente, tomou as necessárias medidas. *“Como consequência da venda aos ingleses ela passou para a coroa e os ingleses foram expulsos”*⁹.

Por decreto de 30 de Agosto de 1731 foi criado pela primeira vez o Concelho de Santo Antão com sede na Ribeira Grande até aí denominada de Santa Cruz¹⁰. A esse respeito, Maria Haydée F. Ferro ainda nos elucida que *“mais tarde por decreto de 3 de Abril de 1867 a ilha foi dividida em dois concelhos com sedes respectivamente na vila da Ribeira Grande (...) e na povoação das Pombas no Paúl*¹¹. Tendo em conta que esses dois concelhos ficavam muito próximos um do outro, e que fazia mais sentido se Porto Novo (antigo cravoeiros) que ficava mais afastado, fosse constituído concelho, *“em 1895, suprimiu-se o concelho do Paul, o qual só veio a ser restaurado em 1917. Por decreto de 19 de Abril de 1912, é criado pela primeira vez o concelho do Porto Novo”*¹².

⁶ Idem, Ob. Cit., p. 13

⁷ Idem, Ob. Cit., p. 14

⁸ Idem, Ob. Cit., p. 16

⁹ Idem, Ob. Cit., p. 17

¹⁰ Idem, Ob. Cit., P. 33

¹¹ Idem, Ob. Cit., P. 33

¹² ROCHA, Agostinho, Ob. Cit., p. 62

Em 1851, foi criada a Comarca de Barlavento, cuja sede foi instalada na ilha de São Nicolau. Contudo, esta viria a ser transferida, em 1875 para Santo Antão, uma vez que se tratava da maior e a mais populosa ilha de Barlavento, e a que possuía maiores recursos em relação à primeira. Em 1934, a sede da Comarca de Barlavento foi, porém, transferida para a ilha de São Vicente.

II – AZÁGUAS

Inserido na vasta zona do Sahel, que tem como principais características climas áridos e precipitações irregulares, o Arquipélago de Cabo Verde não foge à regra. “*O seu clima é tropical seco. Sem recursos naturais, é extremamente carente e pobre (...) a chuva é uma raridade e quando acontece é apenas de nove em nove meses, de forma insuficiente e irregular*”.¹³ Muitas vezes, a precipitação cai com muita intensidade, acabando por arrastar consigo, quantidades de terreno arável, plantas, destroços de construções, animais e, raramente, pessoas.

As chuvas marcadamente torrenciais acabam por agravar, ainda mais, a vida do homem cabo-verdiano, uma vez que este fez da actividade agrícola o seu principal meio de subsistência. No dizer do Dr. José Maria Semedo, o cabo-verdiano é “*um povo descendente de aventureiros, de escravos e de degredados, que se ligou às terras áridas e dispersas, e a todo o custo quer cultiva-las. Em cada geração, novos desafios se põem a esta gente para garantir a sua permanência neste arquipélago flagelado pela desertificação*”¹⁴.

¹³ VEIGA, Manuel (coordenação de) - *CABO VERDE-Insularidade e Literatura*, edições Karthala, Paris, 1998, p. 47

¹⁴ AHN, *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*, p. 41

2.1- AS SEMENTEIRAS, TIPOS DE PRODUÇÃO E A DESILUSÃO DE UMA MÁ COLHEITA

Como acontece em toda a parte as sementeiras são determinadas por factores meteorológicos podendo iniciar-se em Cabo Verde em fins de Junho, meados de Julho, outras vezes, em Agosto, na chamada «Estação das águas». Esta é muito curta, compreendendo apenas três meses, e pode ser considerada o período mais importante das ilhas agrícolas. Porém é de realçar, que raras são as vezes em que a chuva cai durante os três meses seguidos, e se chover, é concentrado em apenas alguns dias de qualquer um dos meses da referida estação.

A sementeira em Santo Antão tem poucas diferenças em relação as outras ilhas de Cabo Verde, e traduz-se num trabalho que compreende várias fases, em que se necessita da ajuda de todos os membros da família, dos amigos, dos vizinhos – é o que se chama de «junta – mô», ou seja, ajuda mútua entre as pessoas. Durante essas tarefas, a família que está a receber ajuda, segundo a tradição, deve oferecer o café, o almoço, e até o jantar quando os ajudantes moram em localidades distantes. Desta feita, a sementeira começa com as primeiras chuvas. O camponês vai abrindo as covas, com a enchada, e atrás, vem a mulher deitando nelas as sementes (dois a quatro grãos de milho), e cobrindo-as de seguida com os pés, podendo ainda semear uma variedade de feijões.

Passado alguns dias, é a vez da criançada fazer também o seu serviço. *“Geralmente é um rapazinho, com meia dúzia de anos, levando um surrão ou sarraia com alguma batata-doce assada, camoca ou cachupa fria e uma vasilha de leite”*¹⁵. A sua tarefa é colocar-se de guarda, para espantar os corvos, que pretendem tirar as sementes das covas e os pardais que tentam comer as folhagens recém-nascidas. É uma penosa ocupação, que começa com o nascer do sol e só termina ao anoitecer.

Os garotos devem ficar em constante alerta, cantando, gritando, tocando com pedras em latas e correndo de um lado para o outro para afugentar esses animais.

¹⁵ LOPES, Manuel – *Os Flagelados do Vento Leste*, Editora ática, São Paulo, 1979, p.98

A guarda aos corvos era o ofício mais importante da meninada durante a quadra das sementeiras...ofício espinhoso e cheio de responsabilidades que a petizada detestava...porque os corvos eram incansáveis e velhacos. Odiavam a tarefa por ser aborrecida e penosa. Forçava-os a passar o dia todo arredados uns dos outros, isolados, cada um no seu posto, acorados todo o dia ao sol; tirava-lhes o gosto de brincar, falar, embotava-lhes a imaginação, roubava-lhes a alegria...regressavam ao sol-pôr, moídos, tristes e cheios de sono¹⁶.

Mais tarde, vem a primeira monda, em que com uma enxada arrancam as ervas daninhas, que impedem as plantas de se desenvolverem. Depois, normalmente vem a segunda e a terceira monda. Esta última, é feita com as mãos, uma vez que as plantações já se encontram desenvolvidas e dificultam a tarefa, e corre-se o risco de danificar as plantas se essas mondas forem feitas com enxadas. O cultivo só termina com a colheita, quando os produtos já se encontram prontos para serem colhidos.

Segundo Daniel Spínola *“algumas pessoas semeiam antes de chover, mas isto constitui um perigo, porque muitas vezes a chuva pode demorar a vir, fazendo com que as sementes se apodrecem, ou então pode haver uma chuva muito forte que acabe por entupir as covas e fazer com que as sementes não se desenvolvam”*¹⁷. A este tipo de sementeira, dão-se-lhe o nome de *sementeira em pó*. *“As pessoas diziam que milho semeado em pó, vem com mais força, é sementeira natural”*¹⁸.

É de realçar que, nos trabalhos de agricultura, todos os membros da família respeitam, sem questionar as divisões do trabalho. Cada um tem a sua tarefa específica e isso inclui os homens, as mulheres e as crianças. Em Santo Antão, tratando-se da agricultura de sequeiro, a mulher para além de ajudar nas sementeiras, ela tem, a obrigação de desempenhar as actividades domésticas, com a ajuda dos filhos, independentemente do seu sexo. A mulher tem a responsabilidade de preparar e levar as refeições dos trabalhadores, durante o período das sementeiras, uma vez que, a maior parte das terras de sequeiro, se encontram a grandes distâncias das suas residências.

¹⁶ LOPES, Manuel – *ob. cit.*, pag. 40, 41, 42

¹⁷ VEIGA, Manuel (coordenação de) - *CABO VERDE-Insularidade e Literatura*, Edição karthala, 1998, p.49

¹⁸ LOPES, Manuel – *ob.cit.*, p. 33

Ainda, na altura das colheitas, as mulheres são utilizadas no transporte dos produtos do campo para casa, ou então para as vilas.

Já nas actividades do regadio, o trabalho da mulher se encontra limitado, uma vez que a maior parte das tarefas relacionadas com a cana-de-açúcar e as outras culturas irrigadas, são desempenhadas pelos homens. As mulheres se ocupam somente do transporte dos produtos. Mas ainda para as mulheres e também para as crianças restam outras actividades igualmente importantes para o bem desenrolar do quotidiano no meio rural, como, o apanho de água, de lenha, cuidar dos animais etc.

De acordo com o II plano de desenvolvimento da ilha de Santo Antão, existem nela os seguintes regimes de exploração da terra: o sequeiro; o regadio e o sequeiro/regadio (sistema misto). As terras de sequeiro são utilizadas para a produção de culturas de subsistência, e os produtos são, geralmente, destinados ao consumo familiar, sendo muito importante para a sobrevivência das famílias mais desfavorecidas. A agricultura do regadio orienta-se, fundamentalmente, para a produção de culturas comercializáveis. As terras do regadio representam uma certa riqueza, uma vez que são as de maior rendimento, pelo que lhes é dedicada mais atenção.

Uma boa parte dos agricultores de Santo Antão possuem terras suficientes para garantir o mínimo de subsistência, mas a maioria tem de procurar fora do sector agrícola outros meios para melhorar a sua condição de vida. Uma das formas encontradas para complementar o seu sustento e o da sua família é trabalhar nas frentes de alta intensidade de mão-de-obra (as F.A.I.M.O).

As vezes, mesmo nos anos, culturalmente, considerados bons, muitas são as famílias que não conseguem sobreviver, apenas, com aquilo que retirem da terra, daí a necessidade de “oferecer” a sua mão-de-obra para trabalhar nas propriedades dos latifundiários. Estes proprietários, ao contrário dos outros camponeses, cuja produção se destina ao consumo familiar, podem comercializar os seus produtos de sequeiro, em virtude da quantidade produzida.

Várias são os produtos cultivados na nossa ilha. Em tempos de boas azáguas, a variedade de culturas é enorme tanto na cultura de sequeiro, como na de regadio. Assim nesses períodos podemos encontrar:

- O Milho que é a principal cultura de sequeiro e desde cedo se colocou como o principal sustento alimentício do homem cabo-verdiano. Com ele se confecciona pratos diversificados e os mais tradicionais da nossa terra.
- Feijão – também é outra cultura de sequeiro igualmente importante em Cabo Verde. Assim como o milho, o feijão é largamente consumido pela população cabo-verdiana. Há várias espécies de feijões cultivados no Arquipélago: feijão congo (*Canajus Cajan*); feijão pedra (*Lablad niger*); feijão bongolon (*Vigna unguiculata*); feijão fava (*Canavalia Ensiformis*) etc.
- Batata-doce, Batata inglesa, Mandioca são outros produtos cultivados na nossa ilha e igualmente importantes para a nossa dieta alimentar.

:

- Cana Sacarina – esta cultura é muito importante em Cabo Verde, e ocupa a maior parte dos terrenos do regadio. A produção da cana sacarina tem uma importância particular em Santo Antão, porque é com ela que se produz o grogue, que possui um elevado valor económico.
- Inhame - é muito vulgar nas margens das ribeiras, é muito apreciada na ilha.
- Plantas frutícolas - Banana (anã, prata e breviana), Ananases, papaeira, manguira, fruta –pão, coqueiro, goiabeira.
- Plantas hortícolas – Alho, Abóbora, Cebola, Tomate, Malagueta.

Estas são algumas das culturas cultivadas em Santo Antão, que se destinam tanto para o consumo próprio, como para o comércio.

Nas épocas de boas azáguas, a movimentação nos campos é enorme, uma vez que há muito trabalho a fazer, começando com as sementeiras até as colheitas. É um trabalho enorme, envolvendo todos os membros da família. Se houver um bom ano agrícola, isto quer dizer que a produção é elevada e variada, e o camponês pode fazer a colheita do seu produto e satisfazer os compromissos que contraiu. Assim, é evidente que a condição de vida e alimentar das populações vai melhorar. Ainda podemos dizer que apenas com base naquilo que se tira da terra juntamente com o que vem da criação de

gado e da pesca, podia-se ter uma vida estável alimentação rica e saudável na ilha, se não fosse as falsias da chuva que nem sempre proporciona ao cabo-verdiano a tranquilidade de um bom ano agrícola e nem a confiança e a certeza de viver somente do que a terra lhe pode proporcionar.

Contrariamente, numa época de crise, em que deparamos com anos seguidos de estiagens, os terrenos começam a secar e de ano para ano a produção tende a baixar e escassear. Aqueles que maiores posses têm, vão se safando, outros porém mais desprovidos, começam a sentir os efeitos da seca prolongada, deparando-se com dificuldades em sustentar a família e duvidando cada vez mais de uma colheita. Ao prever o mau ano agrícola e vendo que o seu trabalho e esforço não vai ser recompensado, o camponês começa a desencorajar-se e a abandonar os trabalhos do campo. Desta feita, o máximo que conseguem arranjar são alguns litros de milho que vão racionando, para terem pelo menos uma refeição por dia, aguardando os acontecimentos e confiando nos socorros do Estado, sempre com esperança em dias melhores.

2.2 - CRENÇAS LIGADAS À FOBIA DA SECA

A vida do agricultor cabo-verdiano é feita de esperança e fé em Deus, “*pois de outra forma, se calhar não resistiria tanto à natureza madrasta, às agruras da seca e da fome*”¹⁹. Esta fé acompanha sempre o camponês, o que lhe permite enfrentar as vicissitudes da natureza sem grandes dificuldades, lutando de uma forma tenaz contra os efeitos das estiagens.

A crença num ente superior, poderoso e generoso manifesta-se na realização de campanhas de peregrinação, em que são feitas promessas, orações, procissões, tudo para que o camponês tenha um bom ano agrícola.

¹⁹ VEIGA, Manuel (coordenação de) – *CAGB VERDE-Insularidade e Literatura*, edições Karthala, Paris, 1998, p.52

Os anciões no meio rural são tidos como possuidores de uma certa sabedoria e capacidade de prever o futuro, e estes são bombardeados com interrogações acerca da chuva e do sucesso do ano agrícola. As respostas às perguntas a eles endereçadas são construídas a partir de observação e interpretação de fenómenos naturais, como sendo o céu, as nuvens, o vento e o mar. Contudo, é de se realçar que essas observações não têm nenhuma base científica, servindo-se, porém para acalentar a esperança do camponês na chuva, uma vez que a sua análise baseia-se na experiência empírica acumulada ao longo da vida.

Há ainda as festividades dos santos em junho, São Pedro, São João, São João Baptista, que coincidem com o solstício de junho, época em que as chuvas, geralmente começam a cair (...) todas as festas carregadas de motivos alusivos à faina agrícola²⁰. Nestas festas, denominadas de festas de Romaria as pessoas aproveitavam para festejar e também pedir aos santos para os aliviar dos males e de lhes proporcionar boas colheitas.

Nos tempos em que chovia regularmente, durante as cerimónias dessas festas várias eram as oferendas feitas a Igreja, como: cana, cachos de banana, pés de mandioca, inhames, saquinhos de café, porém com o passar do tempo, com a escassez das chuvas e com a pouca produção da terra, as oferendas diminuíram e passaram a *“armar barracas onde se vende de tudo, como numa feira. São produtos importados, porque a terra mal produz”*²¹. Com isso, as festas de romaria, bem como as tradições a elas ligadas, tendem a desaparecer, uma vez que *“já não existe muito do que o camponês produzia, as chuvas vão rareando, as árvores não abundam, o camponês empobrece, e nem todos podem agradecer ao santo os benefícios que ele não traz”*²².

Também as pessoas (maior parte delas analfabetas) recorriam a outras que interpretavam e faziam a previsão do tempo através do Almanaque (livro que é estudado por algumas pessoas e que se crê que nele pode-se encontrar respostas sobre as diversas facetas da vida).

²⁰ Idem, Ob. Cit., p. 52

²¹ RODRIGUES, Moacyr – *CABO VERDE Festas de romaria Festas juninas*, Mindelo, 1997, p. 46

²² Idem, Ob.Cit., p. 46

Um caso que achamos notável registar são alguns relatos prestados por algumas pessoas mostrando-nos, e fazendo-nos ver que acreditam haver nas zonas rurais da ilha pessoas idosas que são consideradas como figuras míticas, uma vez que as pessoas acreditam que podem prever o ano agrícola através de sintomas físicas sentidas por esses anciões.

É o caso de algumas pessoas que entrevistamos e que nos relataram que na sua localidade antigamente sabiam se o ano agrícola seria bom, caso um tal senhor já de idade sentisse o reumatismo. No dizer deles, “ *se ele sentisse as dores do reumatismo antes da época das sementeiras, poderíamos meter milho na terra porque era certo que iria chover. Porém se chegasse a época e ele nada sentisse, poderíamos perder a esperança, porque a chuva não iria cair*”. Ainda nos disseram que as pessoas vendo a época aproximando, não querendo arriscar os produtos nem o seu trabalho em vão, uma vez que acreditavam piamente naquilo, iam todos os dias perguntar se “*o reumatismo ainda não desceu*”, sem ter constrangimento dos familiares do referido ancião que aliás se sentiam importantes com tal facto.

Como podemos verificar, o santantonense de tão supersticioso que é, qualquer situação que lhe acontece, é associada ao seu quotidiano e analisada de acordo com as suas crenças e superstições.

II - CAUSAS DAS CRISES

A Ilha de Santo Antão, desde muito cedo foi assolada por profundas crises que na maioria das vezes colocou a evolução da sua população em perigo, devido as altas taxas de mortalidade dela derivadas. Todas as crises não tiveram a mesma dimensão, nem o mesmo impacto. Algumas foram mais agravantes e preocupantes de que outras. E várias foram as razões que estiveram na base destas crises cíclicas de produção, que assolaram durante muito tempo Cabo Verde, e Santo Antão em particular.

Primeiramente temos a razão de carácter natural, ou seja, a falta de chuvas durante alguns anos seguintes ou então chuvas fora de hora, que não coincide com as épocas de sementeira e ainda “*os ventos quentes que sopram com violência em certas quadras do ano no sentido leste-oeste e que afugentam as chuvas e, em consequência, causam a desnutrição progressiva da cobertura vegetal*”²³. Este vento é denominado de Lestada e é frequente desde o mês de Maio até o mês de Outubro de cada ano, e quando ocorre durante este período, os agricultores começam a esperar pelo pior. “ (...) *Quando lestada desce, a gente não pode fazer outra coisa, que esperar pelo pior e atamancar com pouco*”²⁴.

²³ CARREIRA, António – Cabo Verde (aspectos sociais-secas e fomes do século XX), 2ª edição, Biblioteca Ulmeiro, 1984, p. 129

²⁴ LOPES, Manuel – Os Flagelados do Vento Leste, Editora ática, São Paulo, 1979 pag. 118

Ainda, a lestadada transporta uma bruma seca levando o ar a ficar muito seco, murchando as culturas, e muitas vezes vem com tanta força, que as culturas não conseguem se aguentar de pé, acabando por partir-se. “ *O vento descia das montanhas, como se as portas do inferno, ficassem para esses lados. Varria a superfície dos campos cobertos de verde viçoso. Os feijoeiros e as aboboreiras, desamparadas, acenavam os compridos caules quase despidos de folhas. Estas eram arrancadas e levadas no turbilhão. Os milhos quase despidos de folhas, torcidos pela base, estendidos no chão, como se lhes estivesse passado por cima uma manada de bois selvagens*”²⁵. Para além disso, este vento ainda não é saudável, já que, o ar que trás «*queima os lábios, seca as narinas e a garganta, dói nos cantos dos olhos*»²⁶.

As pragas de gafanhotos desde cedo, constituem um dos mais graves problemas da agricultura em Cabo Verde, juntamente com os outros predadores que causam um grande prejuízo acabando por reduzir ainda mais a produção que já é insuficiente. Esse facto é realçado por Manuel Lopes ao retratar de forma clara o efeito que as pragas de gafanhotos têm nas culturas e consequentemente na produção. “*Vieram os gafanhotos, um nunca acabar de gafanhotos (...) uns bicharrocos vermelhos de quase um palmo de tamanho, com as asas brilhando ao sol como milhares de projecteis de metal (...) provavelmente lançados no espaço pelo vento leste que os arrebatou das zonas áridas do continente africano (...) Invadiram os campos, e o que a lestadada poupou, devoraram eles. Roeram tudo o que encontraram ainda verde em cima da terra*”²⁷

Esses factores já mencionados são importantes e desempenharam um papel determinante para a ocorrência das crises, mas outros factores a eles se juntaram para agravar a situação, e um deles, é a atitude do homem perante a conservação da natureza. O corte abusivo de árvores e arbustos para lenha, para combustível, com a finalidade de confeccionar os alimentos, é um acto que acaba por provocar um desequilíbrio ambiental e de facilitar ainda mais a erosão dos terrenos e consequentemente a perda das melhores camadas de matéria orgânica contidas nas terras, provocando assim a diminuição da superfície arável. Ainda, o livre pastoreio dos animais, principalmente o

²⁵ Idem, Ob.Cit., pag. 94

²⁶ Idem, Ob.Cit., pag. 108

²⁷ Idem, Ob.Cit. p.117

gado caprino, que são animais daninhos, também muito contribui para a desertificação da ilha.

Outro factor que certamente contribuiu e muito para as crises, foi “*a existência de vestígios de sequelas e desequilíbrios criadas pelas instituições escravocratas, e de entre as quais se destaca a má distribuição de terras de que resultou poucos indivíduos possuírem apreciáveis extensões, e a maioria quase nada e em consequência, a formação de volumosa classe de rendeiros (...)*”²⁸. Encontramos em várias localidades de Santo Antão, pessoas proprietárias de quase todos os terrenos cultiváveis de uma região, enquanto, que a maioria não possuem terras e trabalham para outros ou mesmo que possuem terras, não são das melhores, o que certamente dificulta uma vivência social harmoniosa, porque há sempre disputas de interesses e tentativas de exploração.

Dessa má distribuição de terras, é que resultou muitas vezes as explorações e os abusos dos proprietários perante o povo e que talvez se fossem distribuídos de igual modo a todos, muitas males seriam talvez evitados.

Também foi determinante em algumas crises, a ocorrência das duas grandes Guerras Mundiais. A primeira guerra que ocorreu de 1914 a 1918, veio coincidir com a seca de 1916 a 1918, e a segunda guerra ocorreu de 1939 a 1945, que coincidiu com as sucessivas secas da década de 40, e que veio ter seu ponto máximo, no ano de 47. Mesmo que Cabo Verde nunca esteve ligado a essas guerras, foi atingido, como todas as regiões do mundo, mesmo que fosse numa proporção menor.

Mas o certo é que estas duas guerras tiveram repercussão no país, fazendo rarear as embarcações nas ilhas, que significavam a salvação da população nos tempos de crise. Assim vamos encontrar o porto grande de São Vicente inactivo com a falta de navegação, e isso vai afectar e muito a população desta ilha, que vivia praticamente dependente do movimento deste porto. E vamos encontrar nas outras ilhas a carecia do povo, com falta de alimentação, devido as crises, e também falta de embarcações entre as ilhas, que levavam alguns mantimentos.

²⁸ CARREIRA, António, Ob.Cit.,p. 192

IV – BREVE HISTORIAL DAS FOMES EM CABO VERDE

Cabo Verde, após ter sido descoberto, foi colonizado pelos portugueses, com o objectivo de torna-lo um ponto estratégico de apoio à navegação das embarcações que faziam ligação entre os continentes (Europa, África e América).

Até a 2^a metade do século XVI, Cabo Verde, nesta rota significava para Portugal uma fonte de rendimento, uma vez que *“todos os navios que fossem resgatar escravos à costa eram obrigados a aportar, depois, a Santiago a fim de ali pagar os direitos devidos e assim poderem prosseguir a sua rota”*²⁹. Também os moradores da ilha de Santiago beneficiavam desta posição estratégica de Cabo Verde, uma vez que eles poderiam ir à Costa de África capturar escravos e vir vendê-los em Ribeira Grande, porque havia embarcações que vinham da Europa abasteciam de escravos e outros produtos, em Ribeira Grande e voltavam para a Europa, sem ter a necessidade de ir à Costa da África.

²⁹ CARREIRA, António – *Formação e Extinção de uma Sociedade escravocrata (1460- 1878)*, Edição Instituto de promoção cultural, Praia, 2000, p.149

Os moradores de Santiago desempenhavam um papel de intermediários neste negócio tão lucrativo. Isto fez com que muitos brancos se dispusessem a viver em Cabo Verde para também beneficiarem desse negócio, com as embarcações que aportavam na Ribeira Grande para o comércio de escravos.

Mas a partir da 2ª metade do século XVII a entrada de outras potências nos mares da Costa de Africa, para também se beneficiarem do negocio de escravos, como é o caso da Inglaterra, da França, e da Holanda, Portugal vai perdendo o seu poder e o seu prestígio. Essas potências *“tinham organizado eficientemente a exploração da costa ocidental, pondo ao seu serviço considerável número de navios e mercadorias diversificados”*³⁰.

A mesma coisa, vai acontecer com Santiago que vai *“perdendo aos poucos a sua posição de entreposto de mão-de-obra escrava”*³¹. Essas embarcações que agora são de várias nacionalidade e que fazem concorrência entre si, não vão perder tempo a escalar Santiago, e nem vão querer comprar escravos em Santiago, preferem ir directamente à Costa Africana e adquirir maior número de escravos a um preço mais baixo. As embarcações estrangeiras deixam de necessitar do apoio dos moradores de Santiago, para fazerem negócio com a costa da Guiné. Isso vai levar à decadência da principal actividade económica da Ribeira Grande, que vai ter repercussão desastrosa a nível económico, porque se não há embarcações, não há cobranças e consequentemente a situação financeira da ilha agrava-se.

Também a sociedade da Ribeira Grande vai se modificar, uma vez que os moradores armadores brancos de Santiago vão abandonar a ilha, *“perderam o interesse pela fixação da residência na capitania”*³². Vão procurar outras regiões da Costa de África que estava dando mais lucros. Com a concorrência estrangeira *“os moradores não dispunham de cabedais suficientes para investir na aquisição de embarcações, armamentos e outros equipamentos essenciais que lhes permitissem continuar ligados, com regularidade e segurança ao tráfico”*³³.

³⁰ Idem, ob.cit., p. 132

³¹ Idem, ob.cit., p. 141

³² BRITO, Arminda e SEMEDO, José Maria – *Nossa Terra Nossa Gente*, Edição PFIE CABO VERDE, Praia, 1995, p. 75

³³ História Geral de Cabo Verde, vol. III, I.I.C.T./I.N.I.P.C., 2002, p. 162

Assim, o destino do Arquipélago, ficou entregue aos naturais que na altura era constituído principalmente por brancos da terra, mulatos e negros livres. Estes vão ser obrigados a procurar outras formas de sobreviver, explorando ao máximo as potencialidades que o País oferecia.

O único meio, foi a exploração dos recursos naturais, tendo principal destaque a agricultura. Também dedicaram-se a pecuária, a extração e comercialização da urzela, confecção e negócio da panaria e a pesca, ou seja “*o comércio informal e o contrabando são, sem dúvida, as principais manifestações das mudanças que ocorreram na economia local para fazer face à crise*”³⁴. E é a partir daí, que o cabo-verdiano vai começar a sofrer, devido as condições desfavoráveis que Cabo Verde apresenta para uma actividade agrícola.

Desta feita, “*nos finais do século XVIII, as ilhas de Cabo Verde foram votadas ao total abandono. A pobreza extrema do Arquipélago, as secas sucessivas e o maior interesse da Coroa portuguesa por terras mais lucrativas, são factores que explicam a desolação em que vivia a população (...)*”³⁵.

Assim, as primeiras notícias de secas e fomes no arquipélago, datam-se do século XVI e estas prolongaram-se até o séc. XX, caracterizando a nossa história cheia de crise, de sofrimento, onde as longas estiagens, quase sempre provocaram altas taxas de mortalidade, perdas de gado, de culturas, que consequentemente desencadeava a miséria nestas ilhas.

“*Tanto quanto se conhece a primeira fome ocorrida no arquipélago foi a de 27 de Outubro de 1549*”³⁶. A partir desta data a história de Cabo Verde, ficou conhecida como sendo cheia de estiagens muitas vezes acompanhada de fomes e consequentemente de mortandades. Essas calamidades sempre vinham acompanhadas de epidemias, febres que se desenvolviam quando havia falta de alimentos associada a falta de higiene das pessoas.

³⁴ Ob.Cit., p. 175

³⁵ BRITO, Arminda e SEMEDO, José Maria, Ob.Cit., p.76

³⁶ FERRO, Maria Haydée F., Ob. Cit., p. 37

Durante o séc. XVIII, várias foram as secas e fomes que atingiram o arquipélago. De 1740 a 1750, houve crises seguidas umas das outras, e a mais grave foi a que teve lugar entre 1748-1750. *”De 1748 a 1750 houve uma fome que causou enorme mortandade. Muitos autores são de opinião, que foi a primeira fome de grande duração e com enorme mortandade. Atingiu todas as ilhas”*³⁷.

Alguns anos mais tarde, entre 1773 a 1777 ocorreu outra crise no arquipélago. *“Tem sido considerada como uma das maiores registada em Cabo Verde. Todas as ilhas foram atingidas com maior ou menor intensidade”*³⁸. *“Entre Setembro de 1774 a Fevereiro de 1775 o arquipélago perdeu 22.666 indivíduos. A população do Fogo baixou de 5700 para 4200 habitantes. No Maio e na Brava morreu todo o gado”*³⁹. *“Durante a crise ocorreram assassinatos, assaltos, incêndios (...). Até meados de 1774 morreram mais de 8500 pessoas: 2500 em Santiago, 5000 em Santo Antão e 1000 em São Nicolau”*⁴⁰.

Durante o séc. XIX, o arquipélago foi assolado mais do que uma vez por terríveis crises, embora alguns mais graves que outros. A título de exemplo, destacamos *“a crise de 1830 a 1833 com fome em todas as ilhas, provocando mortalidade elevada. O arquipélago perdeu cerca de 30 mil habitantes”*⁴¹. No dizer de M. H. F. FERRO, *“segundo A. Carreira, a fome verificada neste período foi talvez das mais calamitosas do séc. XIX. Não foram tomadas quaisquer medidas para debelar a crise”*⁴². Por Portugal estar envolvido na guerra civil, as suas colónias passaram para um segundo plano. As autoridades responsáveis não mandaram socorros. *“A ajuda veio dos EUA, em treze navios carregados de mantimentos”*⁴³.

Outra crise que se registou no arquipélago, aconteceu de 1863 a 1866, “houve crise geral com estiagens completas em todas as ilhas. As estimativas da população dão

³⁷ Idem, Ob. Cit., p. 38

³⁸ Idem, Ob. Cit., p. 38

³⁹ História Geral de Cabo Verde, vol. I, I.I.C.T./I.N.I.P.C., P. 12

⁴⁰ CARREIRA, António – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878), Ed. Instituto de promoção cultural, Praia, 2000, p.200

⁴¹ História Geral de Cabo Verde, vol. I, p. 13

⁴² FERRO, Maria Haydée F., Ob. Cit., p. 40

⁴³ História Geral de Cabo Verde, vol. I, p. 13

uma diminuição de 29.845 pessoas. Embora tivesse chovido de Julho a Novembro de 1864, as colheitas foram fracas porque faltavam sementes e braços para trabalhar”⁴⁴.

Até 1900 houve registo de secas tendendo-se a agravar, mas medidas foram tomadas a tempo, com a boa distribuição de géneros alimentícios, o que levou a que a crise fosse combatida a tempo.

Em 1899, houve outra crise consequência de uma estiagem generalizada e posteriormente agravada pela epidemia de varíola. Esta veio a culminar com a grande fome de 1901-1902, que se prolongou até 1903-1904, que atingiu duramente as ilhas com grande miséria e elevada taxa de mortalidade.

De 1916 a 1918 houve outra crise no arquipélago. “*A perturbação causada pela continuação da guerra, aliada à falta de transportes marítimos fez cessar a ligação de Cabo Verde com Lisboa*”⁴⁵.

De 1911 a 1915 houve crise com fome geral

De 1921 a 1923 houve crise com fome geral

De 1934 a 1936 também crise com fome geral

De 1941 à 1943, houve outra crise com taxa de mortalidade considerável. Segundo António Carreira “*a imagem que ressalta é de que todo o peso da crise recaía sobre a população nativa de menores recursos de toda a ordem. Amortalidade dos classificados «brancos» era normal em qualquer período. Se encontrava proporcional ao volume da sua massa demográfica no Arquipélago*”⁴⁶.

A última crise que se registou no arquipélago teve um carácter agravante com teve altas taxas de mortalidade em todo o país, atingindo o seu apogeu no ano de 1947. Esta crise foi avassaladora porque já não havia quaisquer reservas, e os anos antecedentes não foram promissoras, antes pelo contrário, foram anos de fraca produção que acabaram por conduzir à desastrosa crise do ano de 1947.

⁴⁴ Ob. Cit., p. 13

⁴⁵ CARREIRA, António - *CABO VERDE (aspectos sociais – secas e fomes do séc. xx)*, 2ª edição, Biblioteca Ulmeiro, 1984, p.69

⁴⁶ Idem, Ob.Cit., P 71

A mesma alargou-se a todas as ilhas, mesmo sendo estas não dependentes da agricultura (caso de São Vicente e Sal), uma vez que esta crise veio a coincidir com a Segunda Guerra Mundial, e Cabo Verde, mesmo indirectamente se sentiu com esse conflito, agravando ainda mais a situação. Ainda toda esta catástrofe está ligada “*as consequências de um péssimo ano agrícola fazem-se sentir entre os trabalhadores dessas ilhas principalmente porque os preços dos géneros alimentícios fundamentais importados são superiores aos dos produzidos no arquipélago*”⁴⁷. Esta foi a crise mais séria e mais devastadora do século XX, com consequências graves para o país em todos os aspectos permanecendo marcados para sempre na história de Cabo Verde.

4.1 - RESENHA HISTÓRICA DAS CRISES CÍCLICAS (SECAS E FOMES) EM SANTO ANTÃO

Cabo Verde sendo um País tradicionalmente agrícola sofreu altamente com a escassez das chuvas. As suas ilhas por serem diferentes umas das outras, por terem cada uma a sua particularidade em todos os aspectos, cada uma delas sofreram de maneira diferente a falta das chuvas. E Santo Antão sendo uma ilha tradicionalmente agrícola, com maioria da sua população dependendo da terra para viver, foi alvo constante dessas calamidades quase cíclicas, sofrendo altamente as consequências desse fenómeno (as mortandades, miséria, epidemias) e que quase levaram a desarticulação da vida social e económica da mesma.

No séc., XX várias foram as crises que assolaram a ilha. Segundo António Carreira na sua obra **Cabo Verde (aspectos sociais-secas e fomes do séc. XX)**, a primeira registada data-se de 1903 e 1904 em que teve um carácter agravante com taxas consideráveis de mortalidade. Houve um total de 222 mortos em 1903 e um total de 482 mortos em 1904.

⁴⁷ Idem, Ob. Cit., p. 109, in: B.O. nº 48 de 29 de Novembro de 1947

De 1911 a 1915 “ *em toda a ilha é geral a crise alimentícia, mais intensa em umas regiões do que noutras, onde há verdadeira fome e se pede trabalho para angariar meios de subsistência* ” ⁴⁸ .

De 1916 a 1918 sentiu-se outra crise na ilha agravada pela continuação da 1ª Guerra Mundial, o que fez rarear as embarcações nas ilhas, que era a salvação das populações em tempos de crise.

A crise de 1921 a 1922 também foi terrível. O ano de 1921 foi melhor suportado, uma vez que ainda parte da população tinha algum dinheiro ou algo para trocar por alguma mercadoria que ainda circulava. Já no ano de 1922, as economias, as forças das pessoas, já se encontravam esgotadas. “*No ano de 1921 ainda havia dinheiro, circulavam mercadorias, havia transações comerciais. Havia movimento. No ano de 1922, o movimento de famintos é menor, porque a terra já se encarregou de uns bons 25000 e a emigração vai levando o que os vapores possam comportar*” ⁴⁹ .

Entre 1923 e 1924, dos géneros exóticos apenas aparece pequena quantidade de milho e feijão que nem todos poderiam adquirir-lo. A carne escasseava devido ao desaparecimento do gado por falta de pasto e devido as doenças. Chuviscos sem importância em alguns pontos mais altos seguidos de dias de um sol abrasador que secou o pouco terreno borrifado, não permitiram uma boa cultura⁵⁰. Foram abertos trabalhos públicos para socorrer as consequências da crise agrícola⁵¹.

De 1941 a 1943 houve outra crise e “*foi declarado «estado de crise», pela portaria n.º 2280 de 19 de Abril de 1941*” ⁵² .

Em 1947 e 1948, houve falta de chuva e uma crise generalizada em toda a ilha de Santo Antão. Os preços dos géneros, dos transportes, dos materiais de construção têm variado frequentemente e acentuadamente e sempre para mais. O gado e outros recursos têm diminuído constantemente e a um ritmo acelerado. A população de Santo

⁴⁸ Idem, Cabo Verde (*aspectos sociais-secas e fomes do séc. XX*), 2ª Edição, Biblioteca Ulmeiro, 1984, p.68, in: B. O., N.º 19 de Novembro de 1911

⁴⁹ Idem, Ob. Cit., p. 72, in: Jornal Local «A Verdade», ano I, n.º 1,3 e 4 de 1922

⁵⁰ Idem, Ob. Cit., p. 99, in: B.O. n.º 48/1926

⁵¹ Idem, Ob. Cit., p. 99, in: B.O. n.º 45/1927

⁵² Idem, Ob. Cit., p. 100

Antão, porque dispõe de uma área de regadio com caudal superior ao de qualquer outra ilha, pode manter-se com socorros do Estado, comparativamente inferiores⁵³.

A seca e as fomes desde cedo tiveram um papel determinante na vida do homem cabo-verdiano, tornando-o, no dizer de Daniel Spínola “*extremamente crédulo, religioso e supersticioso*”⁵⁴. Na verdade sempre foi a sua fé e a sua esperança que lhe deram força e o ajudaram a enfrentar, suportar e ultrapassar tantas crises durante toda a sua história e toda a sua acção sempre foi conduzida de acordo com as regras que ele acha que são ditadas por Deus. Nessa mesma linha de ideias, vai o Sr. Daniel Spínola, quando nos diz que “*a credence popular diz que os anos de seca são castigos de Deus, despoletados pela maldade dos homens*”⁵⁵.

O governo português não se mostrou muito eficaz para reflectir as causas e providenciar soluções que minorasse ou mesmo que prevenisse essas crises que se tornaram uma constante nessas ilhas. “*Com o seu conhecido sentido de improvisação no preciso momento, os portugueses, na maioria das vezes não se mostraram preparados para acautelar os efeitos das crises. Conheciam-se mal as estatísticas das produções agrícolas de emergência, assim como as quantidades que deveriam importar oportunamente a fim de colmatar as falhas sobretudo em géneros alimentícios*”⁵⁶.

Para se livrar do peso dessa responsabilidade e porque o governo português precisava de uma mão-de-obra barata para trabalhar nas suas outras colónias, nas plantações de cacau e de café, o governo dispôs-se a facilitar a emigração de cabo-verdianos para essas colónias (São Tomé e Príncipe e Angola) livrando-se assim de uma boa parte da população, que não tinha com quê se sustentar. Esses vendo na emigração a solução dos seus problemas, não hesitaram em ponderar as consequências de tal decisão. Porém chegando lá, o resultado não era o que se esperava.

A crise da década de 1940, também serviu para chamar a atenção da comunidade internacional, que começaram a ajudar o país com remessas alimentares para

⁵³ Idem, Ob. Cit., p. 109, in: B.O. nº 48 de 29 de Novembro de 1947

⁵⁴ VEIGA, Manuel (coordenação de) - *CABO VERDE - Insularidade e Literatura*, Edição karthala, 1998, p. 47

⁵⁵ Idem, p. 52

⁵⁶ CARREIRA, António, ob. Cit., p. 125

complementar a produção interna e livrar a população dessas catástrofes. Depois com a independência de Cabo Verde, os dirigentes do governo começaram a buscar mais ajudas, a sensibilizar outros países desenvolvidos, no sentido de ver as nossas dificuldades e prestar ajudas. Também um outro factor importante que ajudou Cabo Verde na sua luta de se livrar dessas crises, foi o papel desempenhado pelos nossos emigrantes ao enviarem remessas de dinheiro aos seus familiares e que serviu de grande ajuda.

Assim podemos constatar, que na segunda metade do séc. XX, houve sim secas mais ou menos prolongadas, mais isso não levou a fomes e nem houve registo de mortalidade, isso devido aos esforços feitos para atenuar a crise e também devido a procura de outras alternativas, para solucionar o problema.

VI – IMPACTO DAS CRISES:

6.1 - A NIVEL SOCIAL

A maioria das famílias rurais, mesmo não possuindo muito recursos, é sempre numerosa. Geralmente uma família tradicionalmente rural é constituída por: pai, mãe, um número elevado de filhos e ainda podemos encontrar avós, sobrinhos irmãos etc. Geralmente sua habitação é pequena, feita com pedras soltas coberta de palha, com chão de terra batida, apenas com um aposento, que é dividido ao meio. Não há casas de banho e para cozinha constroem uma espécie de funcos.

O chefe de família (o pai e na ausência deste, a mãe) é o responsável pelas decisões, é ele que trabalha fora para sustentar o seu agregado, ou em terras próprias, ou em terras de outrem. À mulher cabe-lhe as funções domésticas, cuidar dos filhos e também dar uma ajuda no tempo das sementeiras. As pessoas mais idosas normalmente dão uma ajuda, nos afazeres da casa, ajudam a cuidar das crianças. Por serem os anciões da casa, são muito respeitados, e considerados conselheiros em todos os assuntos. As crianças desde cedo aprendem a lidar com os afazeres do campo, dando seu contributo tanto em casa como nos campos.

Normalmente eram poucas crianças que frequentavam as escolas, uma vez que ficavam distantes das suas localidades e teriam que percorrer grandes distâncias a pé, ficando cansadas e não tendo tempo, nem disposição para os afazeres da casa. Dai que os pais preferiam ter as crianças em casa, uma vez que dariam mais rendimento ajudando nos trabalhos domésticos.

Podemos ver isso retratado através de uma família pobre no meio rural, retratado na obra – os flagelados do vento leste, de Manuel Lopes: *«Era bom ter homem em casa com prenda na cabeça. Homem que sabe escrever no papel, não esquece na cabeça (...) mas não era fácil (...) o posto de ensino ficava a mais de uma légua de distância, por maus caminhos; o menino levaria o dia inteiro nisso e não aguentaria o ano todo...além disso, sempre haviam de precisar dele, não sobraria tempo para qualquer trabalho caseiro. Tinha sempre que fazer»*⁵⁷.

A comunidade rural sempre foi amistosa, simpática, prestativa interessada e preocupada com os problemas individuais e colectivos. O apoio nestas comunidades é mútuo. O homem agricultor cabo-verdiano, mesmo tendo conhecimento da história da sua terra, sempre teve esperança e fé e sempre guardou aqueles grãosinhos de milho, que chegando a altura, entregava-os à terra na incerteza, se no futuro iria ver o seu fruto, ao invés de guardá-los para uma precisão no futuro.

Durante a espera, esperança e incerteza, são os velhos e as outras pessoas consideradas possuidoras de algumas sabedorias ou detentoras de manuais que nelas possam estudar a vida, que passam a ser solicitados para os acostumados estudos do tempo, com o intuito de prever o ano agrícola. Na obra Chuva Braba de Manuel Lopes, estas são as sábias palavras de um ancião, (...) *o segredo das águas a gente estuda na feição do tempo, a gente estuda no caris das rochas, nas nuvens, na linha do mar, na cor que o céu mostra, no anel da lua, na endireitura do vento, no cheiro que ele traz. Tem mil maneiras. Uns sabem estudar melhor que outros*”⁵⁸.

⁵⁷ CARREIRA, António - *Flagelados do Vento Leste*, Editora ática, São Paulo, 1979, p.58

⁵⁸ Idem, *Chuva Braba*, Edições 70, Lisboa, 1982, p. 16

Era essa a maneira que passavam os dias, estudando a natureza, consultando os velhos, que não possuindo bases científicas para as suas respostas, iam desempenhar o seu papel, que a população lhe impôs. Também a população ia fazendo campanhas de peregrinação, promessas, orações para que esse bem tão precioso caísse do céu, uma vez que, o rumo da vida de todos dependia disso. Se as suas pressões fossem ouvidas, o homem já não pedia mais nada, porque com a chuva todos os seus problemas estavam resolvidos. *“Anos de boas águas (...) Bonitas espigas de milho...As cabras dão leite sem destino. Não faltam batatas, feijão, milho verde, os meninos estão gordinhos, o porco a pedir faca, as galinhas pondo ovos onde quê no milheiral e aparecendo com as ninhadas atrás”*⁵⁹.

Porém, se a chuva não caísse, ou mesmo se caísse, fora da época o que se repetia vários vezes, anos seguidos, o cenário era completamente diferente. Ao depararmos com uma crise prolongada, em que todos os recursos estão a se escassear e não vendo nenhuma solução, homens e mulheres começam a se impacientar, com medo do que o futuro lhes reserva. Como crente e religioso, que o homem cabo-verdiano é, só lhe resta ter esperança e fé, e rezar pedindo a Deus para olhar por eles e por seus filhos.

Mas enquanto não recebiam nenhum sinal em forma de reposta, *“(...)os campos pelavam, a cabra não dava quase nada, as galinhas andando de um lado para o outro...leva-se então a cabra para vender. Vendê-la enquanto tem as mamas a funcionar e saúde no corpo, para comprar milho, sal e um pouco de açúcar...a seguir faca no pescoço do porco enquanto era tempo”*⁶⁰. Quando a situação começava a se tornar desesperadora, *“nas mesas faltavam os pratos na hora do almoço e nas panelas a água não fervia porque só água quente não era alimento”*⁶¹.

Devido a necessidades eram obrigados a recorrer de qualquer bem para trocar por alimentos, não dando qualquer importância a desigualdade das trocas e a exploração que eram submetidos, constituindo para os negociantes um negócio muito lucrativo. Era a sua oportunidade de enriquecer ainda mais, em detrimento do sofrimento do povo. E assim, pouco a pouco, a casa ia ficando mais deserta, uma vez que os utensílios iam

⁵⁹ Idem, *Os flagelados do Vento Leste*, Editora Ática, São Paulo, 1979, Ps. 122, 124

⁶⁰ Idem, Ob.Cit., p. 124

⁶¹ Romano, Luís – *Famintos*, 1ª edição, 1983, p.62

sendo trocados por alimentos (litros de milho, bolachas, açúcar, sal, banha). Com o passar do tempo, quando já não havia mais nada para trocar, quando já estavam a dormir e a comer no chão, chegava a vez das portas, janelas e telhados, numa tentativa desesperada de se safar deste flagelo. Para depois começarem a ver os seus filhos a morrerem um por um, e finalmente dar-se conta de que os esforços de uma vida inteira, de trabalho dia após dia, acabavam assim.

Chegando nesta situação, em que o desespero vai se juntar com a frustração e principalmente, com a debilidade fisiológica devido a fome e falta de higiene, o instinto de sobrevivência, vem a tona, e é aí que as pessoas não ponderem os meios para chegar aos fins, ou seja, começam a ter certos distúrbios mentais que conduzem a maus comportamentos, e uma vez chagados nesse ponto, as questões éticas e morais, já não têm tanta importância como antes.

Não tendo mais nada que lhes prendessem ao seu espaço, começam a deambular pelas estradas, pelas localidades, pedindo ajuda, esmolas. Já não faziam higiene no seu corpo, as roupas se encontravam sujas e em frangalhos, os cabelos e as unhas cresciam, e tomavam a aparência de indigentes, e isso levava a que as pessoas comessem a livrar-se delas e a maltrata-las. Já não tendo residência fixa, durante o dia ficavam andando pelas ruas, à noite iam pernoitar nas portas das igrejas, onde em grupos tentavam aquecer uns aos outros, porque o frio era demais. Mas a cada dia que passava um número cada vez maior de pessoas iam morrendo devido à debilidade dos corpos e também as más condições de vida a que estavam sujeitos.

O governo na tentativa de solucionar este problema, ou então de minorar o sofrimento das pessoas e de diminuir o número de mortos, criava postos de trabalhos, que consistia na construção de estradas nas várias localidades da ilha, e em forma de pagamento, as pessoas recebiam géneros alimentícios, como milho, farinha de mandioca, mancará. *“O Governo criava possibilidades de emprego independentemente da natureza do trabalho, ocupando muitas vezes os trabalhadores em actividades improdutivas”*⁶².

⁶² LONGWORTHY, Mark ; FINAN, Timothy J. ; VARELA, Raul ; RODRIGUES, Elísio – características da agricultura de Santo Antão, Relatório do inquérito da agricultura de S. Antão, 1985, Universidade de Arizona e INIA

Esses trabalhos muitas vezes eram considerados improdutivos, porque eram sempre ligados á tentativas de luta contra a seca e as fomes. E uma vez acabada a crise, acabavam-se os trabalhos. Segundo a autora Elisa Andrade “ (...) *os trabalhos eram geralmente iniciados sem planos, muitas vezes não havia outros objectivos além de criar alguns postos de trabalho para minorar os efeitos da seca. Baseados em montantes inscritos nos orçamentos extraordinários de assistência à fome, esses trabalhos eram interrompidos logo que se esgotasse o montante previsto para o efeito*”

63.

O trabalho não era fácil, trabalhavam nas ruas, debaixo do sol escaldante, expostos as poeiras fazendo trabalho pesado e acima de tudo isso, ainda eram vítimas de maus-tratos, de violência e de abusos por parte dos fiscais das obras que acabavam por agravar a sua saúde. Muitos deles acabavam por morrer sem o seu pagamento que era feito quinzenalmente, e quem beneficiava com isso, eram os fiscais.

Segundo informações de uma pessoa entrevistada em Santo Antão, que viveu na pele a grande fome de 1947, as pessoas tendo algum dinheiro ou algo que poderia ser trocado por comida, ouviam alguma noticia de que em alguma região da ilha estavam a vender algo, não pensavam duas vezes em percorrer grandes distâncias atrás de alimentos e para isso teriam que ir de madrugada para poderem chegar cedo e encontrar lugar na bicha que certamente seria enorme. Mas lá passavam o dia todo e nada conseguiam obter, voltando de novo à casa pior do antes. Mas ainda nos disse que depois sabiam que afinal o tal comerciante afinal possuía algo para vender, só que os vendia de noite, a porta fechada apenas para os seus clientes habituais.

Através de outro depoimento, ficamos a saber que nessas épocas de crise, havia muita afluência de pessoas do campo, para as zonas costeiras, uma vez que as pessoas, nessas zonas costeiras, lançavam mãos a um outro meio que lhes ajudava a escapar a fome - a pesca, que não deixava de ser uma alternativa a falta de outros mantimentos. Ainda nos disse, que as pessoas vinham do campo desesperados, pela fome. Não conheciam ninguém mas mesmo assim pediam ajuda, apoio, mas muitas vezes, com a sua aparência medonha, as pessoas davam-lhes as costas. Estes famintos ficavam

⁶³ ANDRADE, Elisa Silva – *As ilhas de Cabo Verde- da «Descoberta » à Independência Nacional (1460-1975)*, Editions L’Harmattan, París, p. 158

deambulando pelas ruas, pelas praias, onde todos os restos dos peixes, e até ouriços-do-mar serviam como alimento. É neste contexto, que muitas pessoas movidas do campo para as zonas costeiras a procura de se safar à fome, fixaram nessas zonas residência e até hoje, ali permanecem.

Nestas circunstâncias, cada um procurava forma de se safar a vida, famílias inteiras separavam-se ninguém mais se preocupava com o próximo. As pessoas já não tinham respeito, nem vergonha de nada, nem de ninguém. Os mais poderosos iam aproveitando de tudo e todos, que lhes parecesse a frente pedindo ajuda. Vários foram as terras, as casa, animais, móveis que tomaram em sua posse, em troca de alguns litros de milho, várias foram as raparigas que perderam as suas virgindades nas mãos desses senhores pelas mesmas razões. E outros tantos famintos perderam a vida também nas mãos desses senhores devido a uma batata, ou banana ou outra comida qualquer que furtaram nas suas hortas.

Uma outra fonte nos declarou que, as pessoas chegando ao delírio, não sabendo mais o que estavam a fazer, apenas querendo encontrar algo para mastigar que lhes acalmasse aquela dor aguda no corpo, chegavam ao ponto de capturar piolhos na cabeça e pelo corpo, para comerem. Também as solas de sapatos de borracha e terra de barro foram utilizados por muitos para saciar a fome, quando a fome já tinha feito perder a noção das coisas e o perigo da prática de tal actos.

As pessoas que foram entrevistadas, nos disseram, em concordância mútua, que os problemas derivados das crises eram enfrentados de modo diferentes. Em algumas regiões, o Estado tentava solucionar o problema directamente, abrindo postos de trabalhos. Em outras localidades as pessoas mais abastecidas em conjunto com o Estado tentavam controlar a situação.

Neste caso, podemos tomar como exemplo, a região da Ribeira das Patas em Santo Antão. Segundo um indivíduo entrevistado, nesta localidade havia um grande proprietário, dono de quase a maioria das terras da Ribeira das Patas, que se preocupava muito com o rumo que a situação estava a tomar e também pelos muitos prejuízos que estava tendo nas suas propriedades, com as investidas dos famintos. Daí, que se dirigiu ao Sr. administrador, solicitando-lhe ajuda para a população. Segundo o nosso

entrevistado, esse proprietário, foi prontamente atendido no seu pedido e foi aberto trabalhos de assistência para a população carenciada, sob a responsabilidade e controlo do referido proprietário, que passou a ser o representante do Estado, ou seja, administrador da Ribeira das Patas.

A miséria estava a assolar toda a ilha, mas sempre aparecia uma mão para ajudar, e foi nesta fé e esperança, que o povo mantinha dentro de si, que no ano de 1947, aconteceu algo, que a população de Santo Antão, tomou como que um aviso de Deus, ou mesmo um milagre. Foi o encalhamento de um noivo a vapor de nacionalidade americano, denominado de “JOHN SMITH”. Este encalhou numa praia chamada Praia Formosa, que fica situada entre o Porto Novo e o Tarrafal de Monte Trigo, e estava carregado de milho. Na tentativa de desencalhar o navio, os tripulantes lançaram o milho ao mar.

A notícia correu por todas as localidades de Santo Antão. As pessoas que possuíam botes, aproveitavam para enchê-los com o milho que iam buscar no fundo do mar. Outras que não possuíam o mesmo meio, mergulhavam até ao fundo para o mesmo efeito. As pessoas de outras localidades, não hesitavam em deslocar grandes distâncias, a pé, em direcção a essa praia, pernoitando nos caminhos nas casas abandonadas, nas grutas, ou mesmo construindo cercos para se protegerem do frio. Mas depois de vários dias, encontrando-se o milho ainda no fundo do mar e fermentando-se com a água salgada, apodreceu. As pessoas que continuavam diariamente consumindo-o, eram agora vítimas de envenenamento intestinal, que acabou por dizimar mais algumas centenas de pessoas. Assim este facto que foi interpretado como um milagre, acabou por ser a causa de morte de muitos, e não a sua salvação.

5.2 - A NIVEL DEMOGRÁFICO

O país, com as secas, conheceu momentos bem dramáticos, principalmente no que diz respeito a evolução da sua população. O que é importante aqui realçar é que se verificarmos em termos estatísticos, poderemos ver que nem todas as ilhas do

arquipélago, sofreram com a mesma intensidade, essa crise, nem todas tiveram as mesmas perdas humanas. Isso porque nem todas as ilhas dedicam a agricultura, por não haver condições mínimas favoráveis para tal pratica.

A exemplo disso podemos destacar a ilha de São Vicente que sempre esteve ligada ao mar com o Porto Grande e de lá provinha o sustento da maior parte da população. Podemos destacar também, a ilha da Boa Vista que teve a sua economia baseado no comércio de produtos como a cal, o Sal, purgueira, também a pesca e a criação do gado caprino. Ainda temos a ilha do Sal, que não tendo condições favoráveis à prática da agricultura também recorreu-se ao comércio dos produtos locais que lhes proporcionava a possibilidade de ganhar dinheiro e adquirir os bens alimentares e outros. E ainda devido ao aeroporto internacional que sempre lhe proporcionou outras formas de rendimento.

Então podemos verificar aqui que as ilhas que não tinham uma economia baseada na agricultura, nas épocas das crises embora também fossem afectadas, foi com menos intensidade, as perdas humanas foram mais baixas. Enquanto que nas ilhas com forte tradição agrícola, como é o caso de Santo Antão, Santiago, São Nicolau, Fogo as perdas foram muito maiores uma vez que não tinham outros meios para se sustentar a não ser a terra, e se não chovesse, eram elas as primeiras e as mais afectadas pelas crises.

Podemos constatar a evolução da população cabo-verdiana durante a década de 40 através do seguinte quadro:

Evolução da População por Ilha 1940 – 1950

QUADRO N° 1

Ano Ilha	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950
S. Antão	35930	35653	34067	33325	33495	34287	34106	33607	20802	31440	27805
S. Vicente	15867	15621	11277	15038	15606	15886	15728	15446	11967	14374	19138
S. Nicolau	14827	12526	10656	10680	10927	11286	11698	11908	15700	12006	10311
Sal	1142	1113	1060	1095	1154	1195	1210	1191	1231	1219	1784
Boa Vista	2653	2670	2657	2669	2710	2746	2771	2735	2699	2715	2902

Maio	2215	2220	2192	2161	2181	2199	2226	2118	17085	2059	1872
Santiago	87192	75252	69383	69281	71265	73113	75455	62192	29627	49423	48907
Fogo	22914	20849	16359	15858	16006	16474	17009	17229	8421	17460	16705
Brava	8510	8561	7912	7936	8107	8344	8455	8575	8221	8472	7904
Total	191250	174465	155563	158043	161451	165530	168658	155001	115753	139168	137328

Fonte: *Anuário Estatístico de Cabo Verde 1940 -1950*

Devido à limitação dos dados encontrados, vamos fazer uma análise e comparação dos dados sobre a evolução da população de todas as ilhas de Cabo Verde, apenas na década de 40.

Segundo o quadro, podemos verificar que as ilhas que menos dedicam à agricultura, mesmo que ao longo da década de 40 tivessem sofrido alterações na sua população, em termos de diminuição, que no final da década de 40, a sua população aumentou consideravelmente, isto devido ao facto já referido de que a sua população não dependendo directamente da agricultura não foi tão atingida, e no caso de São Vicente em particular, a sua elevada população no final da década de 40, também justifica-se pela elevada taxa de emigrantes. Na época de crise, ao contrário das ilhas agrícolas, a ilha de São Vicente oferecia outras formas de uma pessoa se sustentar, que não era, a terra.

Relativamente às ilhas tradicionalmente agrícolas podemos verificar no quadro nº 1, que de 1940 à 1950, a sua população diminuiu drasticamente e esta diminuição, deve-se tanto aos mortos ocorridos, como também as grandes vagas de emigração. Esses dados nos mostram, o cenário crítico vivido em cabo verde nesta década e que é certamente o retrato de tantos outros anteriores igualmente ocorridos em Cabo Verde.

Segundo o quadro nº 1, na ilha de Santo Antão, vamos encontrar no início de 1940 uma população correspondente às 35.930 pessoas. E em 1950 a população vai se encontrar em 27.805 pessoas o que leva a um total de menos de 8.135 pessoas, que se traduz numa perda considerável.

Falando-se de Cabo Verde, com base no quadro nº 1, é lógico que a taxa da população em geral vai diminuir, uma vez que a maioria das suas ilhas são tradicionalmente agrícolas. Assim, em 1940 temos uma população total de 181.286

peças e já em 1950 encontramos a população em 147.328 pessoas. Vamos encontrar o país com menos 33.958 pessoas, apenas na década de 40. E nestas perdas, a ilha de Santo Antão contribuiu, com 8.135 pessoas. Este número por si só, nos mostra, o quanto é que Santo Antão foi atingido e prejudicado pela crise.

Assim podemos concluir, com base nesta crise de 1947, que Santo Antão sofreu largamente com esta crise, e certamente com os outros anteriores, não deve ter sido diferente, e a perda da população sempre foi notável e considerável, quase que levando a desarticulação da vida económica e social da ilha. Os números registados de mortos são elevados, mas certamente, que não são exactos, ou seja, não correspondem aos mortos que realmente ocorrem na época.

Dizemos isto, porque segundo as várias entrevistas que fiz a diferentes pessoas que viveram a crise de 1947, e que presenciaram a desordem havida nas diferentes localidades, com tantas mortes, era impossível contabilizá-los, convenientemente. Na maioria das vezes, os cadáveres eram enterrados aos montes e as pressas para o bem da saúde população. Outras vezes as pessoas caíam mortos pelas estradas ou noutros lugares mais escondidos, ficando por lá sem ninguém se dar conta, e servindo-se de comida para cães e aves.

A desordem era muito, era uma catástrofe total e as autoridades tinham que dar conta tanto dos vivos, no sentido de lhes prestar assistência, como dos mortos. E muitas vezes as respostas das autoridades eram insuficientes tanto num caso como noutro.

A par das grandes mortalidades havidas, houve também a grande percentagem de pessoas que saíram da ilha de Santo Antão, tentando uma vida melhor noutras paragens. Essas saídas tiveram vários destinos, uma delas é a ilha de São Vicente, outros decidiram ir mais longe, para as outras colónias de Portugal – Angola, São Tomé e Príncipe. É de realçar aqui que, o governo português via nessa emigração de Cabo-verdianos para as outras colónias, a solução de dois problemas. Primeiro porque não estava conseguindo contornar a situação de crise vivida aqui em Cabo Verde e se pudesse aliviar o país de um grande nº de pessoas, o problema ia-se resolvendo. Depois, estava necessitando de mão-de-obra para trabalhar nas suas outras colónias, nas plantações de café e de cacau, que se estava a traduzir num negócio muito lucrativo.

Assim, com este intuito, o governo português, estava disposto a empregar todos os meios de persuasão para levar o povo a aderir. E isto não foi difícil, uma vez que todos estavam ansiosos para sair do país e procurar uma vida melhor. Viam nessas viagens uma forma de se salvar das crises que assolavam frequentemente o país.

Foi estipulado pelo governo colonial, que quem quisesse poderia inscrever para ir trabalhar nas outras colónias. Segundo o Boletim Oficial nº 13 de 4 de Setembro de 1947, as pessoas já saíam daqui com contratos de trabalho, que tinha a duração de dois anos. Também já se encontrava estipulado antes da partida, a colónia e o local onde iam trabalhar e o salário a que tinham direito. Mas o contrato não era para todos, não era permitido “*o contrato de indivíduos velhos, raquíticos, atacados de alienação mental ou quaisquer moléstias ou enfermidades que os torna inaptos para o trabalho*”⁶⁴. Muitos se empolgaram e foram, esperando começar uma vida nova e cheia de prosperidade. Porém chegando lá não foi o que aconteceu.

Segundo o depoimento de uma senhora que foi para São Tomé, o que lá encontraram, não era o que esperavam. Trabalhavam muito e recebiam pouco (cerca de 40\$00 por mês, casa e comida). As condições de trabalho eram péssimas. Trabalhavam debaixo de chuva intensa e de sol, havia muitos mosquitos, e para evitá-los, tiveram que aprender a fumar certos cigarros para que o fumo os afugentasse. Ainda segundo a nossa entrevistada, em São Tomé foram empregados nas plantações de cacau, mondavam campos, trabalhavam nas máquinas de café etc. Doenças estranhas os atacavam, sem saberem como é que os poderiam evitar.

Ainda ela nos retratou que viu muito dos seus companheiros morrerem. E que pelo menos ela, arrependeu-se de ter saído da sua terra, porque se era para continuar a sofrer, que sofresse aqui mesmo. Ainda nos relatou que, não aguentou o trabalho duro nas roças, e quando o seu contrato acabou regressou logo a Cabo Verde e ao contrário do que sonhou um dia, regressou apenas com a roupa do corpo.

⁶⁴ Boletim Oficial nº 35 de 4 de SETEMBRO DE 1947

Através do depoimento desta senhora que, certamente, foi igual a muitos outros que entrevistei, ficamos a saber que essas pessoas tentando buscar uma vida melhor, sofreram igual ou mais do que aqui, muitos voltaram pior do que foram, outros não tiveram coragem de voltar tendo em conta a situação em que se encontravam, ficando por lá.

Na mesma linha de ideias vai a escritora Elisa Andrade ao nos elucidar “*quanto à sorte do serviçal caboverdiano em São Tomé e Príncipe, que ao fim de um periodo de três ou cinco anos de trabalho, voltava para Cabo Verde tão miserável como à partida. Ademais regressava enfraquecido por causa das doenças, do clima diferente e muito duro, do regim e alimentar diferente, dos maus-tratos*”⁶⁵.

Mais sorte tiveram aqueles que para destino procuraram outras paragens como os E.U.A, ou países da Europa, onde, mesmo que trabalhando duro conseguiram auferir um bom salário que lhes permitia ainda ajudar seus familiares na sua terra natal. Essas remessas sempre foram consideradas de grande ajuda para o país. “*A emigração caboverdiana (...) tem tido um papel relevante não só no equilíbrio doméstico das famílias, mas também na economia global do País*”⁶⁶.

5.3 – A NIVEL ECONÓMICO

Cabo Verde é um país com uma economia extremamente pobre. A maior parte das suas ilhas são tradicionalmente agrícolas o que faz com que a sua economia se baseie essencialmente na agricultura. Geralmente no meio rural, encontramos o proprietário, que possui muitas terras. Na maioria das vezes, as distancias entre as terras ou sua grande extensão faz com que haja um pouco de descuido às mesmas, o que leva frequentemente a fracos rendimentos.

⁶⁵ ANDRADE, Elisa Silva – *As ilhas de Cabo Verde da «Descoberta» à Independência Nacional (1460-1975)*, Edição L ‘Harmattan, Paris, 1996, p. 197

⁶⁶ AHN - Descoberta das ilhas de Cabo Verde, p. 85

O arrendamento de algumas parcelas, muitas vezes para tentar resolver esse problema, leva-nos a encontrar formas directas e indirectas de exploração. Nas formas directas, as terras são exploradas pelo próprio proprietário, contratando temporariamente pessoas para nelas trabalharem no tempo das sementeiras e pagando-lhes um salário. Na forma de exploração indirecta, o proprietário não explora todas as suas terras. Arrenda parte delas e as regras do contrato são estabelecidas entre eles (o proprietário e o lavrador\camponês). Muitas vezes é estabelecido um rendimento fixo, ou seja, que não depende da quantidade da produção produzida em cada ano. Outras vezes, o rendimento é proporcional as colheitas, o que quer dizer que se a produção num ano for maior a renda que o lavrador vai pagar ao proprietário vai ter de ser maior. Mas se a produção for fraca, a renda também vai ter de baixar. Várias são as formas de pagamento que podem traduzir-se ou em dinheiro, ou em géneros alimentares ou ainda em força de trabalho.

Os contratos variam de pessoas para pessoas, assim como a forma de pagamento. Alguns proprietários não dão tréguas ao agricultor, ficando em cima deles, para ver se não estão a ser enganados, outros proprietários, deixam o agricultor a vontade, confiando na sua honestidade e na sua palavra, o que nos meios rurais tem ainda muito valor.

É de realçar que nos anos de boas chuvas, as produções são elevadas. Muitas vezes, as produções chegaram a atingir um preço muito baixo, devido à sua abundância e nestes casos, os camponeses nem chegavam fazer a colheita total dos produtos, ficando estes a apodrecer na terra. Consequentemente, há fartura para todos. É neste contexto, que vamos encontrar uma grande procura de mão-de-obra, pelos grandes proprietários (para os trabalhos do campo), e isso vai levar a que a mão-de-obra se torna um tanto escassa, como irregular e indisciplinada. “Escasseavam os braços. Os cavadores eram disputados. *Proprietários (...) desconfiados das negaças da chuva tentavam as pressas, aliciar trabalhadores, remediando o salário de fome com outro salário de fome (...)*”⁶⁷. Assim, os lavradores vão se encontrar em situação de vantagem e teriam que aproveitar.

⁶⁷ LOPES, Manuel – *Flagelados do Vente Leste*, Editora ática, São Paulo, 1979, p. 49

Era a única forma e a única ocasião deles terem um certo domínio sobre a sua força de trabalho. “*Tornavam-se exigentes, faltavam aos compromissos (...) por ocasião das colheitas chagaria a vez das mulheres (...) era a desforra dos escravos da terra contra os mandões (...)*”⁶⁸.

Encontramos aqui, a lei da oferta e da procura, neste, caso, da mão-de-obra, onde o camponês que é sempre explorado pelo patrão, tem alguma oportunidade de fazer especulação com a sua força de trabalho, podendo trabalhar para quem lhe oferece mais, ao invés de estar subordinado às leis e regras ditados pelo patrão, sem poder reivindicar os seus direitos, porque caso contrários, pode sair e ir embora para ceder o lugar a tantos outros.

Porém, nos anos de chuva escassa pouco ou nada colhem para se sustentar e é nesses tempos, que os proprietários e os comerciantes que estão estreitamente ligados à agricultura exploram o povo o mais que puder. É nestes situações, que eles realizam os seus melhores negócios. Desta feita, conseguem uma mão-de-obra fácil, regular e desvalorizada, porque são muitos, aqueles que procuram emprego. E é chegado a vez dos patrões decidirem quem devem contratar e quanto devem pagar. É o sofrimento do povo, que tem que escolher, entre ser explorado ou morrer de míngua. Nota-se que muitos dos comerciantes não vêem essas crises como uma catástrofe, mas sim como um mal necessário.

Segundo as palavras expressas por um comerciante: “ (...) *é bom de vez em quando, uma secazinha. O nosso povo é muito soberbo, precisa baixar a crista um pouco. Nos anos de fartura não se encontra uma mulher nesses campos para transportar um saco. Os homens sentam-se nos terreiros das casas a tocar viola e fumar canhoto e não querem saber do resto. Se a gente anda em negócios no interior, vemo-nos a rasca para carregar os produtos*”⁶⁹. Para alguns comerciantes, uma crise seria sempre bem-vinda, porque poderiam tirar proveito disso de todas as formas. Tanto na exploração da mão-de-obra dos trabalhadores, como também na especulação da venda dos produtos.

⁶⁸ Idem, Ob.Cit. p. 50

⁶⁹ Idem – Chuva Brabra, Edições 70, Lisboa, 1982, p. 118

Se a economia de Cabo Verde sempre foi fraca, uma vez, que é baseada essencialmente na agricultura, nas épocas de crise, o cenário só poderia ser o que já vimos aqui. Porque com a falta de chuva, a produção passa a ser baixa ou mesmo nula, e as pessoas normalmente, não têm mais nada para se recorrerem. O gado que é um complemento da agricultura, também vai ser igualmente afectado, uma vez, que não tendo pasto para se alimentar, vai morrer a fome, e logicamente os produtos dele derivados vão baixar. Ou então, as pessoas vendia-os enquanto valessem alguma coisa, mesmo que a venda não correspondesse ao seu valor real.

A pesca que não deixa de ser uma actividade da vida do Santantonense, que vive nas zonas costeiras, não cobre todas as necessidades deixadas pela escassez de produtos uma vez que é praticada por uma minoria da população, e com os instrumentos tradicionais utilizados, não dá para fazê-lo em grande quantidade e nem torna-la numa actividade organizada, de forma a fazer conservas e exportações, com o intuito de torna-la numa actividade alternativa, e com fins comerciais, o que ajudava imenso e poderia minorizar ou mesmo cobrir um pouco as faltas deixadas pelas crises.

Perante esta situação, a ilha não vai ter nada para exportar. Se houver alguma produção, vai ser para o consumo local, o que vai levar a raridade de embarcações nos portos da ilha e isso vai acarretar mais problemas. As embarcações sempre foram um elo de ligação entre as ilhas, fazendo trocas de todos os géneros. Santo Antão, não tendo nada para exportar e, conseqüentemente, as embarcações não tendo nenhuma carga para retorno, não viam a necessidade de fazer escalas na ilha, ficando os habitantes desta, entregues a sua própria sorte.

A emigração sempre jogou um papel importante na economia do país, e particularmente na da ilha de Santo Antão. O que foi constatado nesta ilha, é que a emigração dos Santantonenses, particularmente as pessoas das zonas rurais, quase nunca foi permanente. As pessoas depois de alguns anos de trabalho no estrangeiro, regressavam assim que tivessem reunido condições económicas, que lhes permitissem meios necessários para a obtenção da sua própria terra.

Embora já sabendo de antemão, que era um acto arriscado. Porque muitos foram aqueles, que nas época de crise, não tirando nenhum sustento da terra , e desesperadas

pela fome, viam-se obrigadas a submeter à exploração, vendendo as suas terras, que tanto trabalharam para conseguir, por um preço irrisório. Ficando depois, apenas as lamentações e com seu trabalho e esforço, trocado por alguns litros de milho. Mas aqueles que lá fora continuaram, conseguiram manter suas famílias no país, com as remessas enviadas que muitas vezes lhes ajudavam a ultrapassar os maus anos agrícolas.

VII – ANÁLISE DOS EFEITOS DA SECA E DA FOME NUMA SOCIEDADE

Numa sociedade como a de Cabo Verde, onde a maioria da sua população vive no meio rural, dependendo da agricultura para sobreviver, a falta de chuva traz consequências desastrosas, ainda mais quando essa falta de chuva, junta-se a outros fenómenos naturais, como por exemplo, solos pouco férteis, estiagens prolongadas, pragas de predadores, etc.

Primeiramente a falta de chuva, compromete a produção, e não havendo produção, não há trabalho a fazer. Isso faz com que a maioria da população activa no meio rural fica desempregado. Esse desemprego, vai trazer várias consequências. É de salientar, que neste contexto, são os homens os mais afectados, uma vez que as mulheres, mesmo ajudando nas tarefas da agricultura, têm a sua função que a própria tradição lhes impôs, ou seja, cuidar da casa, dos filhos, do marido.

Vamos encontrar os homens, que são chefes de famílias, desempregados e desesperados, porque têm compromissos, há pessoas que dependem deles para

sobreviver. E uma vez vendo que a terra nada está a dar, começam a focalizar outros meios para ganhar a vida, e muitas vezes o mais procurado, é a emigração. Esta emigração se direccionou tanto para fora do país, como também entre as ilhas.

Este êxodo rural, que afecta mais o sexo masculino, (embora a percentagem de emigração do sexo feminino seja considerável), vai provocar um desequilíbrio na população, em relação a faixa etária, porque *“os que emigram pertencem em geral às classes de idade activa que se situam essencialmente entre os 20 e os 45 anos, o que não deixa de causar problemas a nível da produção de maneira geral, e da produtividade do trabalho em particular (...)”*⁷⁰.

Este êxodo rural vai levar a que, nos campos haja cada vez menos gente, e nas cidades (no caso de migração interna) cada vez, mais população procurando emprego, aumentando os bairros degradantes, a delinquência, a prostituição, enfim, contribuindo ainda mais para agravar os problemas sociais das cidades. É de realçar aqui, que enquanto as famílias abastecidas vão para as cidades continuar os estudos, as famílias pobres, vêm nesta emigração para as cidades, uma oportunidade de emprego, com um salário fixo. No caso de Santo Antão e das outras ilhas de barlavento, a cidade do Mindelo é o centro de acolhimento.

Outros sonham com destinos mais longe, onde têm a intensão de trabalhar para sustentar a família e livra-la da dependência total da terra. Países como a Holanda, França, Itália, Luxemburgo, E.U.A, são grandes acolhedores dos emigrantes Cabo-verdiano que resolveram procurar a subsistência longe da sua terra. Muitos emigrantes sustentaram uma família inteira com seu trabalho lá fora.

O que já não acontece com a emigração interna, uma vez que os empregos encontrados nas nossas cidades não dão grandes oportunidades de acumulação de capital, que possam permitir as pessoas se sustentarem e ainda enviam alguma ajuda para os familiares, na ilha. Enquanto, que no estrangeiro, um emigrante trabalha e sustenta perfeitamente a família. Essas remessas que os emigrantes enviam para suas

⁷⁰ ANDRADE, Elisa Silva – Ob.Cit., p. 201

famílias são fundamentais para ajudar a suportar a frágil economia do país, que sempre dependeu fortemente da ajuda externa internacional.

Com o êxodo rural, o desequilíbrio entre os sexos, também vai se acentuar e trazer outras consequências. Primeiramente, se são os homens, chefes de famílias a ausentarem-se, *“as mulheres são obrigadas, por um lado, a assegurar a educação dos filhos e, por outro, a vender, frequentemente, a sua força de trabalho nas obras públicas, para poderem garantir a subsistência da família, para além das tarefas que lhe cabem tradicionalmente no quadro da produção agrícola”*⁷¹. Vamos encontrar uma mudança de papéis entre o homem e a mulher, em que a mulher vai ter de assumir e desempenhar o papel de pai e mãe, perante a casa, os filhos e a sociedade. O pai embora ausente, é uma figura sempre presente e respeitado no seio da família.

Esta situação vai ter forte repercussão, em vários aspectos da vida quotidiana dessas famílias, que estão sendo representadas pelas mulheres. E em certos aspectos se encontram mais vulneráveis. Segundo Elisa Andrade *“as plantações agrícolas cujo chefe de família se encontra ausente (emigrado) e as controladas por mulheres solteiras (chefes de famílias) ou viúvas, só praticam culturas de sequeiro, e a sua extensão é inferior a daquelas em que o chefe de família, homem, está presente”*⁷².

Um outro aspecto que poderemos analisar aqui, é a proporção entre os sexos que é também afectada pela emigração dos homens. Com essa emigração masculina, vamos encontrar uma população com grande proporção de mulher em relação aos homens. Essa grande proporção vai levar a que os homens aqui residentes tendem a ter várias mulheres, cada uma em sua casa e até com filhos. Essas mulheres mesmo sabendo umas das outras coabitam com isso normalmente, embora haja aquela que é a esposa de facto e que também tem conhecimento da situação. Portanto neste contexto, é frequente depararmos com mulheres que são mães solteiras, e isso nessas sociedades, é aceite, não é condenada. O facto do homem ter a sua esposa e outras mulheres conjuntamente, não constituam acto de censura, é aceite naturalmente no seio dessas comunidades.

⁷¹ Idem, ob. Cit., p. 200

⁷² ANDRADE, Elisa Silva, Ob.Cit., p. 200

Outro ponto que é afectado com as crises, é a educação no meio rural. Nas circunstancias normais, na maior parte das zonas rurais, o nível de educação, é sempre inferior, do que nos meios urbanos. E isso se deve aos vários factores que condicionam o funcionamento eficaz de escolas nestas zonas. Primeiramente vamos encontrar a fraca densidade populacional em algumas zonas, que não justifica a colocação de uma escola, isso vai ser ainda reforçado pelo distanciamento destas regiões. Depois temos o baixo nível económico dos pais, que não conseguem arcar com as despesas mínimas para colocar o filho na escola.

Como já realçamos aqui, as crianças no campo desde cedo aprendem a lidar com os trabalhos do campo e cedo começam a desempenhar as suas tarefas e dar o seu contributo, como o apanho de água e lenha, cuidar dos animais e ainda servir de guarda das culturas o tempo das sementeiras.

Muitos pais preferem ter os filhos em casa fazendo os seus trabalhos, porque acham que isso é mais lucrativo do que coloca-los na escola, que fica a quilómetros de distância, atrapalhando os afazeres da casa. Acham que isso não compensa, uma vez que não têm esperança de ver seus filhos alcançar algo mais para além do ensino básico (ou seja aprender ler e escrever). Para eles ter um filho em casa que sabe ler e escrever é grande coisa, mas também se não o tivessem, não importavam muito com isso. E também se tivessem oportunidade de colocar os filhos na escola, certamente que não seriam todos. Talvez, aquele que mostrasse mais aptidão para o ensino.

Porém numa época de crise profunda e duradoura, as dificuldades vão agravando cada vez mais, e na maioria das vezes, as escolas são fechadas, porque a cada dia que passa são menos os alunos que se apresentam para as aulas. Se não têm comida em casa para comer, se não tem uma cama para deitar, se as suas casas já não têm portas, nem janelas, nem telhados, vão para a escola para quê? Onde é que vão buscar forças para tal? É claro que num cenário desses, a educação, é algo que vai desaparecer do horizonte das pessoas.

Do ponto de vista clínico, o efeito da fome é nocivo para a saúde física e mental de qualquer indivíduo. Qualquer pessoa uma vez submetida a um período prolongado de

falta de alimento, começa a sofrer consequências graves tanto a nível psicológico, como a nível fisiológico.

O ser humano para viver precisa de alimentos que o sustentam e que satisfaz as suas necessidades fisiológicas, que lhe permite ter um desempenho adequado e produtivo na sociedade, e assim contribuir para o desenvolvimento e crescimento da mesma. Uma vez privado desse bem durante um longo período de tempo, vai perdendo as suas capacidades e as suas forças, e consequentemente contribuindo para o atraso ou mesmo estagnação da sociedade, isto falando-se do estado de fome generalizado de uma comunidade.

A nível fisiológico, o efeito prolongado da fome provoca um estado de inanição total em que o organismo fica débil e apresenta sintomas como anemia, défice vitamínico, isto segundo a Doutora nutricionista Florentina Lima. Ainda segundo a mesma, nestas circunstâncias como o organismo está débil o indivíduo fica susceptível a vírus, bactérias, parasitas, fungos, que por si só já constituem um grande problema, que acaba por ser agravada com a falta de higiene das pessoas. Isto vai acabar por provocar diversas doenças como por exemplo a Anemia, Avitaminose, Desnutrição, Diarreias, Desintéria e estas não sendo tratadas rápida e devidamente acabam por enfraquecer e causar a morte às pessoas.

Para a recuperação das pessoas atingidas pelo efeito fome não seria preciso apenas uma alimentação. A alimentação teria que ser leve, mas nutrida e teria que ser administrada aos poucos e não em grandes quantidades para a sua recuperação, tendo em conta o estado de debilidade física das pessoas. Se pelo contrário, a alimentação fosse pesada e administrada em grandes quantidades, não iria salvar as pessoas mas sim leva-las a morte mais rapidamente.

Segundo a psicóloga Romina Fontes Oliveira, a nível psicológico o efeito da fome pode provocar falta de equilíbrio mental, o que pode dificultar o posicionamento da pessoa diante de frustrações e/ou de situações de ajustamento do quotidiano. Uma ilação que podemos tirar deste depoimento, é que uma pessoa sobre o efeito da fome não consegue realizar qualquer tarefa, ou tomar decisões de forma correcta, uma vez que as suas necessidades fisiológicas não estão sendo satisfeitas, para que a pessoa

possa ter as mínimas condições necessárias para ter um desempenho positivo e favorável dentro da sociedade.

Ainda segundo a mesma psicóloga, uma pessoa que esteja sobre o efeito da fome fica num estado que perturba sua possibilidade de produção, de ser útil socialmente e de ter saúde. Isto é tanto para o adulto, como para a criança. Ainda o seu estado pode ser acompanhado de algum traço depressivo pela falta de ânimo e também pela debilidade física.

Tivemos a possibilidade de confrontar essa teoria dada pela Doutora, com a prática, ao tomarmos nota dos vários casos ocorridos durante as fomes que nos foram relatados pelas nossas fontes orais, demonstrando várias situações hediondas, actos pouco éticos cometidos por pessoas durante as crises, na tentativa de saciar a fome, e que em situações normais seriam reprimidos e condenados. Porém em actuais circunstâncias, não se questionava o que estava certo ou errado, e a vergonha desaparecia porque o instinto de sobrevivência de um homem é maior que qualquer sentimento de honra.

CONCLUSÃO

Ao finalizarmos este trabalho, convém registrar algumas conclusões.

A ilha de Santo Antão é a segunda maior ilha do País, embora com características adversas a prática da agricultura, ela possui uma forte tradição agrícola, o que fez com que desde cedo também se constituísse um alvo constante das secas e consequentemente das fomes, que acompanhadas quase sempre de mortandades, epidemias, miséria quase levaram a desarticulação da sua vida social e económica.

Durante o séc.xx, várias foram as crises ocorridas na ilha, porém estamos convictos que de todas elas certamente a mais devastadora e com consequências mais graves, foi a crise de 1947, que fez milhares de vítimas.

Devido a limitação de documentos (escritos e orais), respeitantes as restantes crises do séc. xx, fomos obrigados a apoiar apenas nos documentos da década de 1940, para fazer uma análise e estudo de modo a ter uma imagem verídica dos factos.

As estatísticas falam por si mostrando que o País inteiro foi alvo destas calamidades, mas que Santo Antão pela sua natureza, sofreu ainda mais e contribuiu muito para o elevado número das mesmas.

A situação vivida na ilha durante essas crises, foi chocante, porém foi algo digno de registo, para demonstrar que o povo Cabo-verdiano sempre soube tirar da sua fraqueza, forças para resistir e sobreviver, seguir em frente e criar condições para enfrentar as adversidades naturais da sua terra.

Durante a primeira metade do séc.xx, Cabo Verde ainda se encontrava como País colonizado. Na opinião de muitos historiadores, devido a sua condição de Colónia dirigido por outro País, fez agravar a sua situação, uma vez que o governo português muitas vezes se revelou incapaz de contornar essas crises, que se tornaram cíclicas e portanto eram previstas e logo seria possível se precaver atempadamente.

O certo é que após a fome de 1947, condições foram criadas para se precaver contra essas crises, e a partir daí, houve sim registos de secas em Cabo Verde, mas sem nenhum registo de mortalidades.

Como já referimos anteriormente, encontramos algum constrangimento bem como algumas dificuldades, durante a execução deste trabalho, devido aos limites encontrados no que diz respeito às documentações (escritas e orais), que nos fez restringir temporalmente a nossa dissertação.

Porém, esperamos ter atingido os objectivos inicialmente propostos. O presente trabalho não pretende de forma alguma esgotar o tema. O nosso objectivo é estudar e analisar os factos e apresentar um relato histórico, social e económico da ilha e do País em geral, nesses períodos de secas e de fomes que assolaram o país praticamente desde o começo da sua história.

BIBLIOGRAFIA

- ✓ AMARAL, Ilídio do – Santiago de Cabo Verde - A terra e os Homens, Lisboa, 1964
- ✓ ANDRADE, Elisa Silva – As ilhas de Cabo Verde da «Descoberta» à Independência Nacional (1460-1975), éditions L'Harmattan, Paris, 1996
- ✓ Anuários Estatísticos: 1940 – 1950
- ✓ BARCELOS, Christiano José de Senna – Subsídios para a história de Guiné e Cabo Verde
- ✓ Boletins Oficiais de Cabo Verde: 1940 - 1950
- ✓ BRITO, Arminda e Semedo, José Maria – Nossa Terra Nossa Gente, edição PFIE, Cabo Verde, Praia, 1995
- ✓ CARREIRA, António – Cabo Verde (aspectos sociais - secas e fomes do século XX), 2ª edição, Ulmeiro, 1984
- ✓ -----, Migrações nas ilhas de Cabo Verde, 2ª edição, Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983
- ✓ -----, Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460- 1878), 3ª edição, edição Instituto de Promoção Cultural, Praia, 2000
- ✓ -----, A fome de 1846 na ilha de Santiago, Separata da Revista de História Económica e Social, 1984

- ✓ -----, Secas e Fomes em Cabo Verde (achegas para o estudo das de 1845- 1846 e de 1889- 1890), Separata da Revista História Económica e Social, 1985
- ✓ -----, Demografia Cabo-verdiana subsídios para o seu estudo (1807-1983), 1ª Ed., Lisboa, 1985
- ✓ DAVIDSON, Basil – As ilhas afortunadas, estudos e ensaios, ICL, Praia, 1988
- ✓ FERRO, Maria Haydée F. – Subsídios para a história da ilha de Santo Antão de Cabo Verde (1462- 1900), edição Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, Praia, 1998
- ✓ GTI – II Plano de Desenvolvimento de Santo Antão -1998-2001 – Tomo I, Associação de Municípios de Santo Antão
- ✓ HISTÓRIA GERAL DE CABO VERDE – I.I.C.T./ D.G.P.C., vol. I, II e III
- ✓ LONGWORTHY, Mark e outros – Características da agricultura de Santo Antão-relatório do inquérito da agricultura de Santo Antão, Universidade de Arizona e INIA, 1985
- ✓ LOPES FILHO, João – Introdução à Cultura Cabo-verdiana, Instituto Superior de Educação, República de Cabo Verde, Paria, 2003
- ✓ LOPES, Manuel – Os Flagelados do vento leste, editora ática, São Paulo, 1979
- ✓ -----, Chuva Braba, edições 70, 1982
- ✓ ROCHA, Agostinho – Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462-1983), Ed. Autor, 1990
- ✓ RODRIGUES, Moacyr – Cabo Verde, Festas de romaria, Festas juninas, Ed. Autor, Mindelo, 1997
- ✓ ROMANO, Luís – Famintos, 1ª edição, Biblioteca literária Ulmeiro, 1983
- ✓ RODRIGUES, Moacyr – CABO VERDE Festas de romaria Festas juninas, Mindelo, Maio 1997
- ✓ SILVA, António Leão C. E – Histórias de um Sahel Insular, Spleen Edições, Praia, 1995.
- ✓ TEIXEIRA, António José da Silva e GRANDVAUX, Luís Augusto – A agricultura do Arquipélago de Cabo Verde , cartas agrícolas, problemas agrários, Ministério do Ultramar, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1958

ANEXOS

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA

ENTREVISTA

No âmbito da elaboração de um trabalho científico para a obtenção do grau de Licenciado, pretendo apresentar um trabalho intitulado “As crises cíclicas (secas e fomes) em Santo Antão na 1ª metade do século XX”. Para o efeito, proponho realizar uma entrevista a alguns Santantonenses sobre o assunto.

O objectivo é recolher opiniões e experiências de cada um.
Espero e agradeço a sua colaboração.

1 – Em que anos ocorreram as fomes em Santo Antão?

2 – As mortandades havidas eram muitas?

Sim ☐ Não ☐

2.1 – Quem morria mais, as crianças, mulheres, homens ou os idosos?

2.2 – Quais as doenças mais frequentes que atacavam as pessoas?

3 – Abusos praticados durante as crises de fome:

3.1 – Que tipos de abusos?

3.2 – Quem abusava?

4 – Havia rebeldias ou revoltas manifestadas pelas populações durante as fomes?

Sim ☐ Não ☐

5 – Quais eram as intervenções do Governo, na tentativa de resolver o problema?

6 – Em relação à emigração, como é que a encaravam, tendo em conta a situação em que se encontravam?

7 – Essa emigração foi realmente o que esperavam?

Sim ☐ Não ☐

Quais as dificuldades que lá enfrentaram?

8 – Durante as crises de fome, a vida familiar, e o quotidiano das comunidades se mantinham? Ou será que se verificava alguma alteração?

9 - Fala-nos um pouco sobre o Navio inglês que se naufragou perto de Porto Novo, na década de quarenta e que estava carregado de milho. Qual foi a reação da população de Santo Antão perante este facto, numa época de crise?
